



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
CENTRO SÓCIO ECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

**UMA ANÁLISE DA INCUBADORA DE BASE TECNOLÓGICA MIDI
TECNOLÓGICO DE FLORIANÓPOLIS/SC**

GUSTAVO GONÇALVES BACELLAR

Florianópolis, 2016

GUSTAVO GONÇALVES BACELLAR

UMA ANÁLISE DA INCUBADORA DE BASE TECNOLÓGICA MIDI
TECNOLÓGICO DE FLORIANÓPOLIS/SC

Monografia submetida ao curso de Ciências
Econômicas da Universidade Federal de Santa
Catarina como requisito obrigatório para a obtenção
do grau de Bacharelado.

Orientador: Dr. Luiz Carlos de Carvalho

Florianópolis, 2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DISCIPLINA: MONOGRAFIA - CNM 5420

A Banca Examinadora resolveu atribuir a nota 9,5 ao aluno Gustavo Gonçalves Bacellar na disciplina CNM 5420 - Monografia, pela apresentação deste trabalho.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Luiz Carlos de Carvalho Júnior

Prof. Dr. Pablo Felipe Bittencourt

Ma. Cristiane Martins

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente, à minha família, Maria Inês Gonçalves Mão Cheia de Bacellar, Claudio Huet de Bacellar e Bruno Gonçalves Bacellar por sempre me incentivarem, acreditarem e apoiarem as minhas escolhas.

À Daniela de Andrade, pelo apoio, paciência, amizade, e por me proporcionar um dos melhores momentos que tive durante a graduação e por sempre me lembrar dos meus sonhos.

A todos colegas economistas, em especial João Alexandre Hugen, Natalia Gibin, Viviane Cirio, Jackson Alves pela amizade e parceria nesses anos de graduação.

À toda minha família e amigos de São Paulo que mesmo distantes, sempre se fizeram presentes. Meus agradecimentos são também todos os amigos que fiz durante meu intercambio, em especial para Kanta Kiyomoto, Emiel Samandar, Natasha Surdich, Mariana Tostes, Elder Galvão, Erdogan Akgun, Jalal Ajb, Andrea Pedemonte, Nicolas Blanchard, Fred Sou que me ajudaram a enxergar o mundo e suas diferentes culturas de outra forma.

Aos professores do curso de Ciências Econômicas pelo empenho de consolidarem com qualidade esse curso na universidade.

Aos colaboradores da Raízen por dividirem comigo os seus conhecimentos durante o meu estágio e pela oportunidade de desenvolvimento profissional oferecida.

E por fim, ao Professor Dr. Luiz Carlos de Carvalho Júnior pelo apoio nesta pesquisa e pela oportunidade de aprendizado na área de empreendedorismo.

RESUMO

Preocupadas com o sucesso das micro e pequenas empresas, especialmente das Empresas de Base Tecnológicas (EBT's), as incubadoras de base tecnológica fornecem infraestrutura, orientações, incentivos e serviços necessários para ampliar a competitividade e as chances de sobrevivência destas empresas, reduzindo assim, os riscos existentes. Além de facilitadoras, as incubadoras são consideradas verdadeiras alavancas de consolidação da inovação, fenômeno crucial para o crescimento da atual economia. Neste sentido, dada a importância das EBT's e teve-se como objetivo analisar se a *incubadora MIDI Tecnológico vem sendo bem-sucedida no atingimento do seu objetivo de garantir o sucesso das EBT's*. As escolhas metodológicas para construção da pesquisa basearam na filosofia pragmática, lógica indutiva e abordagem qualitativa do problema. Como estratégias, utilizaram-se a bibliográfica e o estudo de caso. Os dados coletados foram de origem primária, cujos instrumentos foram a entrevista semiestruturada com o Gestor da Incubadora MIDI e a aplicação de questionário aos seis empreendedores das EBT's vinculadas ao MIDI, as quais aderiram ao estudo. E, dados de origem secundária (documentos e publicações) para complementar a monografia. A análise aplicada fora de conteúdo e documental. Como principais resultados destaca-se que em geral, o grau de satisfação dos empreendedores em relação a incubadora MIDI parece ser satisfatório, já que mesmo demonstrando pontos fracos, reconhece-se na incubadora ações, benefícios e aporte necessário para fomentar o sucesso das EBT's. Desta forma, a maioria dos empreendedores, cinco (de seis) indicariam o MIDI para outras empresas ou incubariam novas empresas, sendo que destes, quatro indicariam ou incubariam o/no MIDI, "com certeza".

Palavras-chave: Incubadoras de Base Tecnológica; Empresas de Base Tecnológica; Empreendedores; Satisfação; Sucesso.

ABSTRACT

Technology-based incubators concerned about the success of micro and small business, especially Technological-Based Companies (TBC's) provide infrastructure, guidelines, incentives and services to increase competitiveness and survival chances of those companies, reducing the risks. Besides being a facilitator, incubators are also considered propelling of true consolidation of innovation, a crucial phenomenon for the growth of the current economy. In this sense, given the importance of TBC's and as this study had the purpose to analyze the MIDI Tecnológico incubator, it has been successful in achieving its objective of ensuring the success of TBC's. The methodological choices to build the research were based on the pragmatic philosophy, inductive logic and qualitative approach to the problem. As strategies it was used the literature and the case study. The data collected were of primary origin, the instruments were semi-structured interview with the Manager of the Incubator MIDI and application of questionnaire to the six entrepreneurs of TBC's linked to MIDI, which joined the study. The data from secondary sources (documents and publications) to complement this paperwork. The analysis applied were content and document. The main results founded were that in general, the degree of satisfaction of entrepreneurs in relation to MIDI incubator seems to be satisfactory, since even demonstrating weak spots, it is recognized by the entrepreneurs that the incubator actions, benefits and necessary contribution to promote the success of TBC's. Thus, most entrepreneurs, five (from six) would indicate MIDI to other companies or submit new companies, and among those, four would submit or indicate, MIDI, "for sure."

Keywords: Technology Based Incubators; Technology-based companies; entrepreneurs; Satisfaction; Success.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Fatores Necessários à Inovação	26
Figura 2 - Setores de Atuação das Incubadoras Brasileiras em 2011.....	34

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Bloco 1 Infraestrutura.....	44
Tabela 2 - Bloco 2 Serviços.....	46
Tabela 3 - Bloco 3 Empreendedorismo e Inovação.....	47
Tabela 4 - Bloco 4 Satisfação	48

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Panorama Geral da Pesquisa	20
Quadro 2 - Incubadoras em Santa Catarina	35
Quadro 3 - Caracterização das Empresas que Aderiram ao Estudo	38

LISTA DE SIGLAS

ACATE	Associação Catarinense de Empresas de Tecnologia
ANPROTEC	Associação Nacional De Entidades Promotoras De Empreendimentos Inovadores
APLs	Arranjos Produtivos Locais
BLUSOFT	Polo Tecnológico de Informação e Comunicação da Região de Blumenau
CATI	Comitê da Área de Informática
CELTA	Centro Empresarial para Laboração de Tecnologias Avançadas
CERTI	Centros de Referência em Tecnologias Inovadoras
CITEB	Centro de Inovação e Tecnologia de Biguaçu
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CRIE	Centro Regional de Inovação e Empreendedorismo
CRIEM	Incubadora do Instituto Gene
EBTs	Empresas de Base Tecnológica
FECOMÉRCIO/SP	Federação do Comércio de São Paulo
FIESC	Federação das Indústria do Estado de Santa Catarina
GTEC	Núcleo Gerador de Empresas de Desenvolvimento Integrado de Incubação
IBTs	Incubadoras de Base Tecnológica
IET	Incubadora Empresarial Tecnológica
IF-SC	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina
IPEA	Instituto De Pesquisa Econômica Aplicada
INCEVALE	Incubadora de Empresas do Vale do Rio Tijucas
INCTECH	Incubadora Tecnológica da Unochapecó
INOVAPARQ	Parque de Inovação Tecnológica de Joinville e Região
INPRETEX	Incubadora de Empresas
ITEB/UFSC	Incubadora de Base Tecnológica em Engenharia Biomédica
ITEC.IN	Incubadora de Ideias e Negócios

ITFETEP	Incubadora Tecnológica do Alto Vale do Rio Negro
MCTI	Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação
MIDIVILLE	Incubadora de Base Tecnológica de Joinville
MinC	Ministério das Comunicação
PIB	Produto Interno Bruto
PMEs	Pequenas e Médias Empresas
PMF	Prefeitura Municipal de Florianópolis
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequenas Empresas
SEBRAETEC	SEBRAE - Serviços em Inovação e Tecnologia
SOFTEX	Sociedade Brasileira para Exploração de Software
UDESC	Universidade Estadual de Santa Catarina
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNIINOVA	Núcleo de Inovação Tecnológica

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 TEMA E PROBLEMA DE PESQUISA	12
1.2 OBJETIVOS	15
1.2.1 Objetivo Geral	15
1.2.2 Objetivos Específicos.....	15
1.3 JUSTIFICATIVA	15
1.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	16
1.4.1 Enquadramento Metodológico	17
1.4.2 Técnicas E Procedimentos: Coleta De Dados, Instrumentos E Análise	18
1.5 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO	20
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	22
2.1 EMPREENDEDORISMO: CONCEITO	22
2.2 INOVAÇÃO.....	24
2.3 EMPRESAS DE BASE TECNOLÓGICA (EBTs).....	27
2.4 AS INCUBADORAS: HISTÓRICO MUNDIAL E NACIONAL	28
2.4.1 Cenário atual e características	29
2.4.2 Incubadoras e seus conceitos	31
2.4.2.1. <i>Os tipos de incubadoras</i>	32
2.4.2.2 <i>Incubadoras de empresas de base tecnológica: Santa Catarina</i>	34
3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	37
3.1 A CARACTERIZAÇÃO DA INCUBADORA MIDI TECNOLÓGICO E DAS EMPRESAS DE BASE TECNOLÓGICA ENTREVISTADAS	37

3.2 OS REQUISITOS ESSENCIAIS PARA ENTRADA E AS MODALIDADES DE EBTS ATENDIDAS PELO MIDI	39
3.3 BENEFÍCIOS E SUPORTE FORNECIDOS PELA INCUBADORA MIDI PARA O SUCESSO DAS EBTS	41
3.3.1 Na Visão do Gestor e a partir da <i>homepage</i> da Incubadora.....	41
3.3.2 O grau de sucesso da incubadora na visão dos empreendedores	43
3.4 CONFRONTO TEÓRICO-EMPÍRICO	49
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS	55
APÊNDICE (S)	61
APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM GESTOR DO MIDI TECNOLÓGICO: O SUCESSO DA INCUBADORA.....	62
APÊNDICE B- QUESTIONÁRIO O CONCEITO DE SUCESSO DE UMA INCUBADORA: EBTS	64

1 INTRODUÇÃO

1.1 TEMA E PROBLEMA DE PESQUISA

As Micro, Pequenas e Médias Empresas (PMEs) tem um papel significativo no desenvolvimento da economia, pois de acordo com a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2005), essas constituem uma importante fonte de emprego. Corroborando com o exposto, o Banco Mundial (2011) cita que as PMEs representam 95% dos negócios existentes no mundo e empregam aproximadamente 60% dos trabalhadores do setor privado. Já no Brasil, as PMEs representam mais de 30% do produto interno bruto (PIB) e empregam mais 16,6 milhões de pessoas (PWC,2013).

Entretanto, o cenário de crise tem imposto as PMEs o enfrentamento de diversas dificuldades, tal como a baixa competitividade, especialmente, devido à limitação de financiamentos, ganhos em escala e incapacidade de estocagem (WORLD BANK, 2011). O que de acordo com a Federação do Comércio de São Paulo (FECOMÉRCIO/SP, 2011), reflete em uma significativa taxa de mortalidade de PMEs no Brasil, que chega até de 75% nos primeiros cinco anos de operação.

Desta forma, para apoiar a sobrevivência das PMEs e auxiliá-las a superar suas fragilidades, destaca-se dentre os mecanismos de promoção ao empreendedorismo e inovação existentes, as incubadoras de empresas. Cita Baldissera (2001) que as incubadoras de empresas podem ser uma alternativa viável e confiável, já que fornecem infraestrutura técnica e administrativa que facilita amplamente a formação de redes de negócios. O autor ainda chama a atenção, que com a modernização veloz e constante das configurações de produção, há a necessidade de se atentar para o novo, para o emprego de tecnologias de ponta, o que de certa forma, implica em priorizar o desenvolvimento de incubadoras de base tecnológica (BALDISSERA, 2001).

Compreende-se diante disso, que incubadoras de base tecnológica (IBTs) apresentam um papel diferenciado no contexto de apoio às PMEs, de estímulo ao empreendedorismo, a inovação e conseqüentemente ao crescimento econômico. Acreditando-se assim, que este é um tema que merece ser devidamente estudado.

No Brasil, o número de incubadoras é significativo, são cerca de 384, das quais, a geração de negócios de base tecnológica, representa 40% dos empreendimentos originados

a partir dessas incubadoras (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE ENTIDADES PROMOTORAS DE EMPREENDIMENTOS INOVADORES (ANPROTEC), 2012).

Neste contexto, importa considerar que o estado de Santa Catarina com seu reconhecido potencial econômico sofre um significativo impacto regional originado pelas incubadoras, parques tecnológicos e pela inovação. Isso se constitui segundo Martins (2013), em importantes instrumentos de fomento à implantação e ao sucesso de empresas de base tecnológica (EBTs) no estado, sobretudo no que tange Florianópolis, cidade pioneira no gênero, que ao lado de São Carlos, São Paulo, foi uma das primeiras a construir um polo tecnológico no Brasil.

De maneira sistêmica, surgiu em 1986 a primeira Incubadora Empresarial Tecnológica (IET), ou como é denominada atualmente, Centro Empresarial para Laboração de Tecnologias Avançadas (CELTA) da Fundação Centros de Referência em Tecnologias Inovadoras (CERTI) em Florianópolis. Na sequência (1988), criou-se o Condomínio Industrial de Informática da Associação Catarinense de Empresas de Tecnologia (ACATE). E, com este impulso inicial os negócios de base tecnológica na cidade foram se expandindo. Conforme a Prefeitura Municipal de Florianópolis (PMF) (2012), as EBTs formam o segundo grupo de atividade organizada que mais fatura e mais paga imposto sobre serviços (ISS) no município (PMF, 2012).

Atualmente duas incubadoras apresentam-se com maior destaque em Florianópolis, além da já citada CELTA, existe o MIDI Tecnológico.

A capital do estado também concentra três grandes instituições de ensino públicos, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC) e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC), que significam uma alta concentração de pesquisa e de mão-de-obra qualificada na região. Estas instituições, sobretudo a UFSC, agiram como estimuladoras para a concentração de atividades no setor tecnológico, com expressivo aumento da participação de empresas de micro e pequeno porte nessa área nas últimas décadas.

Desta forma, ambas as incubadoras, CELTA e MIDI Tecnologia surgiram com o intuito de suprir a demanda dos centros universitários da região, que concentravam ideias e projetos que necessitavam de suporte e um ambiente que provesse condições para sua maturação e desenvolvimento.

Em 2012, a incubadora MIDI recebeu o prêmio de Melhor Incubadora do Brasil para o Desenvolvimento local e regional e em 2014, o de Melhor Incubadora do Brasil para a promoção da cultura do empreendedorismo. A proposta da incubadora é a de oferecer incubação para empresas cujos processos e serviços são gerados a partir de resultados de pesquisas científicas aplicadas, no quais a tecnologia e a inovação representam alto valor agregado (MIDI TECNOLÓGICO, 2016).

As empresas incubadas pelo MIDI Tecnologia são descritas como EBTs. Para Carvalho *et al.*, (1998, p.468), as EBTs tratam-se de micro e pequenas empresas “comprometidas com o projeto, desenvolvimento e produção de novos produtos e/ou processos, caracterizando-se ainda pela aplicação sistemática de conhecimento técnico-científico (ciência aplicada e engenharia)”.

Com um crescimento mais significativo, as EBTs destacam-se perante as demais empresas (INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA), 2005). Um estudo realizado pela Instituição, no período de 1994 a 2001, demonstrou, no entanto, que a taxa de sobrevivência de EBTs tem reduzido. Em 1994 a taxa anual era de 88,24% e em 2001, 58,82%.

Ao encontro disso, Fonseca (2014) cita que, apesar da importância das EBTs para o desenvolvimento de uma região demonstrar-se significativo, estas empresas necessitam muitas vezes, de incentivos de órgãos governamentais e mecanismos de apoio, tais como as incubadoras de base tecnológica.

Posto isto e, considerando o objetivo de facilitar o sucesso para as EBTs, algumas dúvidas surgem sobre as incubadoras e este tema, a saber: Que tipo de consultoria as incubadoras fornecem aos novos empreendedores? Quais os requisitos para entrar em uma incubadora? Quanto tempo uma empresa pode ficar sob o suporte de uma incubadora? Quais as modalidades de empresas uma incubadora atende? Qual a contribuição das incubadoras para o desenvolvimento das EBTs? Quais as taxas que evidenciam o sucesso ou o insucesso das incubadoras? Qual é o grau de sucesso e/ou alcance de seus objetivos da Incubadora MIDI? Qual incentivo é dado para a inovação? As empresas incubadas na Incubadora MIDI sobrevivem no mercado?

Face as diversas inquietações levantadas, este estudo concentra-se na resposta da seguinte pergunta: **A Incubadora MIDI Tecnológico vem sendo bem-sucedida no atingimento do seu objetivo de garantir o sucesso das EBT's?**

Para tal, os objetivos da monografia são explanados.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

O objetivo geral deste estudo será:

analisar se a incubadora MIDI Tecnológico vem sendo bem-sucedida no atingimento do seu objetivo de garantir o sucesso das EBT's.

Para construção do objetivo geral, alguns objetivos específicos foram delineados.

1.2.2 Objetivos Específicos

- caracterizar a incubadora MIDI e as Empresas de Base Tecnológicas ligadas à mesma;
- identificar os serviços e instalações oferecidos pela MIDI às empresas incubadas;
- verificar o grau de sucesso da MIDI no atingimento dos objetivos que a incubadora se propõe a partir da visão dos empreendedores.

1.3 JUSTIFICATIVA

Frente aos constantes esforços do setor produtivo para a conquista de vantagem competitiva, a inovação tem sido considerada chave no desenvolvimento das empresas, sobretudo, as de micro, pequeno e médio porte (MARTINS, 2013).

No Brasil, as PMEs representam 99% das empresas brasileiras e, são consideradas decisivas para a economia do país, pois: empregam 52% da mão de obra formal; respondem por 40% da massa salarial brasileira (SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO A MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (SEBRAE), 2013; STARTUPI, 2014); representam 53,4% do PIB do setor de Comércio, sendo sua principal fonte de geração de riqueza; no PIB da Indústria, a participação das micro e pequenas (22,5%) já se aproxima das médias empresas

(24,5%) e; no setor de Serviços, mais de um terço da produção nacional (36,3%) têm origem nos pequenos negócios (SEBRAE, 2015).

Entretanto, a alta taxa de mortalidade apresentada por estas empresas (75% até cinco anos, conforme citado no capítulo 1) tem desencadeado políticas de apoio ao empreendedorismo e inovação através de mecanismos de promoção as PMEs, cujas incubadoras, especialmente as de base tecnológica, são destaques, já que são vistas como *locus* natural da inovação, alavancado as empresas e facilitando sua sobrevivência (ANPROTEC, 2004; MARTINS, 2013).

Segundo Baldissera (2001), em contexto dinâmico, a eficiência e a rapidez no processo de inovação passam a ser reconhecidamente os elementos decisivos para a competitividade das economias, o processo de incubação pode ser crucial para que a inovação se concretize em tempo hábil para suprir as demandas do mercado.

Neste sentido, o presente trabalho pretende contribuir tanto do ponto de vista teórico, quanto do ponto de vista prático. Pela literatura, o estudo sistemático apresentado por Martins et al., (2014), aponta a incipiência de publicações que envolvam o desempenho das incubadoras ao empreendedorismo e a inovação a partir de ETBs. Desta forma, pretende-se ampliar estes estudos ao abordar o viés do sucesso das incubadoras no atingimento de seus dos objetivos, tais como prover condições de sobrevivência, desenvolvimento e competitividade para as EBTs através da identificação de ações e serviços que a incubadora MIDI (objeto desta pesquisa) gera ao empreendedorismo e a inovação.

Do ponto de vista prático, a análise do sucesso da incubadora para promoção das EBTs, auxilia a mesma a identificar a partir da visão de seus empreendedores os pontos fracos e fortes em sua atuação e assim, promover ajustes, melhorias e novas estratégias.

1.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Creswell (2007) sugere que antes de definir a etapa de operacionalização da pesquisa, é oportuno delinear a abordagem à ser aplicada. Para isso, o problema de pesquisa (Introdução 1), pode indicar o caminho a ser percorrido na fase empírica do estudo. No caso deste Trabalho de Conclusão de Curso, o problema de pesquisa delineado foi: **a Incubadora MIDI Tecnológico vem sendo bem-sucedida no atingimento do seu**

objetivo de garantir o sucesso das EBT's? Para possibilitar responder este problema, se analisará através de um estudo de caso aplicado na incubadora MIDI Tecnológico, localizada na região de Florianópolis o seu efetivo apoio às empresas de bases tecnológicas.

Para melhor compreender as etapas que foram desenvolvidas na fase empírica deste Trabalho de Conclusão de Curso, apresenta-se: o enquadramento metodológico, os procedimentos técnicos que incluem a coleta de dados e seus respectivos instrumentos, bem como a análise aplicada.

1.4.1 Enquadramento Metodológico

As escolhas metodológicas que guiaram este trabalho, basearam-se em um *framework* teórico pré-estabelecido chamado “*research onion*” desenvolvido por Saunders, Lewis e Thornhill (2009). Optou-se por este *framework*, pois acredita-se propiciar maior clareza e facilitar a compreensão das escolhas metodológicas.

Desta forma, o pragmatismo é a filosofia de pesquisa adotada, sendo adequada ao interesse do pesquisador que é responder a problemática específica da realidade MIDI, conforme mencionado no item anterior (SAUNDERS; LEWIS; THORNHILL, 2009).

A lógica de pesquisa é indutiva, pois considera as particularidades atreladas ao caso específico do MIDI Tecnológico, impossibilitando a generalização de algumas informações, pois baseia-se em eventos e no contexto da incubadora.

A abordagem do problema é qualitativa, já que buscou-se descrever a complexidade que envolve o problema levantado no presente trabalho, analisar as variáveis envolvidas, compreender e classificar o processo dinâmico os quais perpassam as incubadoras e os empreendedores a ela vinculados (RICHARDSON, 1999). Ainda são características desta abordagem, a realização da coleta de dados pelo próprio pesquisador em campo, isto é, no local onde os participantes vivenciam o problema de pesquisa em questão, pois o intuito do pesquisador é aprender sobre este problema interagindo com os participantes de forma a obter mais informações; a utilização de múltiplas fontes de dados; a impossível dissociação do pesquisador de suas origens, histórias e contextos e; o relato de múltiplas facetas para buscar compreender e descrever o as incubadoras e o seu papel para o sucesso das EBTs (CRESWELL, 2010).

Em relação a natureza dos objetivos, trata-se de uma pesquisa descritiva, já que visa obter características do comportamento de populações ou fenômenos, ou ainda do estabelecimento de relações entre variáveis (GIL, 1999, p.47).

As estratégias de pesquisa a serem utilizadas correspondem:

- **a bibliográfica** para a identificação de publicações que possibilitaram a construção do Referencial Teórico deste Trabalho e;
- **o estudo de caso** que diz respeito à complexidade e natureza particular de um caso em questão (STAKE, 2004), tal como o da Incubadora MIDI que apresenta vários prêmios voltados à inovação e ao empreendedorismo, fenômenos essenciais na busca do desenvolvimento e competitividade das EBTs. Desta forma, a preocupação na seleção do objetivo do estudo, está em evidenciar características únicas condizentes a realidade da incubadora MIDI e de seu efetivo apoio para as EBTs. O que instiga a aplicação desta pesquisa.

No que tange o horizonte de tempo, classifica-se como transversal, visto que a coleta de dados ocorreu no mês de junho de 2016, durante visitas previamente agendadas com o Gestor da Incubadora MIDI e os empreendedores vinculados a esta incubadora.

1.4.2 Técnicas E Procedimentos: Coleta De Dados, Instrumentos E Análise

A coleta de dados fora realizada por meio:

- **dados primários** - o primeiro instrumento de coleta de dados utilizado fora a entrevista semiestruturada face a face (**APÊNDICE A**) com o Gestor da incubadora MIDI. O intuito foi a partir da visão do gestor da incubadora, perceber qual é o objetivo da incubadora e o que essa considera como sucesso para as EBTs.

A entrevista se trata de um diálogo entre duas pessoas, onde uma é o entrevistado e a outra o entrevistador, tendo como objetivo capturar informações relevantes para entender as dimensões e experiências do entrevistado em relação a incubadora. Cabe ressaltar que por ser semiestruturada, o entrevistador tem a liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada (LAKATOS; MARCONI, 2008).

O segundo instrumento de coleta de dados utilizado fora o Questionário (**APÊNDICE B**), aplicado aos empreendedores incubados no MIDI.

As variáveis utilizadas para construção do questionário foram fundamentadas em Miziara e Carvalho (2008) e Vedovello, 2001 *apud* Vedovello, Figueiredo, 2005).

Torna-se salutar enfatizar que o questionário é composto por 62 perguntas, as quais 11 correspondem as perguntas abertas ligadas a caracterização do perfil do empreendedor e da respectiva empresa. Duas perguntas abertas foram inseridas com o intuito de conhecer sobre o financeiro e a infraestrutura fornecida pelo MIDI. Já o restante das perguntas (60) aplicadas, são separadas em quatro blocos: **Infraestrutura; Serviços; Empreendedorismo para a Inovação e Satisfação**. Se tratam de perguntas fechadas com opções de respostas em escala *likert* que variam nos primeiros três blocos de um a seis pontos (exemplos: **Ruim; Insatisfatório; Regular; Satisfatório Muito Bom; Excelente**). Já no último bloco a escala é composta de um a quatro pontos (**Não; Talvez; Sim; Com Certeza**). A escala *Likert* é uma escala não-comparativa, onde o entrevistado assinala um único item de acordo com seu grau de satisfação, sendo atribuída a cada afirmação graus de favorabilidade e desfavorabilidade (MATTAR, 2005, p. 236).

- **dados secundários**– documentos fornecidos a partir do Gestor da incubadora MIDI ou dos empreendedores, além do aporte teórico de publicações já realizadas sobre a incubadora, inclusive informações contidas em sua *homepage*.

Para a análise dos dados primários, utilizou-se a análise de conteúdo, “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens [...]” (BARDIN, 1977, p.160). Cabe ressaltar que os resultados foram trabalhados a partir da exploração das seguintes categorias: caracterização da incubadora MIDI e das EBTs aderentes ao estudo; descrição dos serviços e instalações oferecidas pela MIDI às empresas incubadas; o grau de sucesso da MIDI no atingimento dos objetivos que a incubadora se propõe a partir da visão dos empreendedores. Estas categorias seguem a lógica dos objetivos específicos.

Para a análise dos dados secundários, utilizou-se a análise documental. Semelhante a análise bibliográfica, a análise documental é praticada a partir de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico (GIL, 1999).

Para melhor compreensão, o Quadro 1 apresenta um panorama sobre as escolhas de pesquisa e o alinhamento com os objetivos.

Quadro 1 - Panorama Geral da Pesquisa

Objetivo Geral: analisar se a incubadora MIDI Tecnológico vem sendo bem-sucedida no atingimento do seu objetivo de garantir o sucesso das EBT's		
Objetivos Específicos	Coleta de Dados	Análise de Dados
Caracterizar a incubadora MIDI e as empresas de base tecnológica ligadas à mesma.	Publicações Científicas, <i>Homepage</i> da incubadora MIDI e questões de caracterização aplicados nos questionários.	Análise Documental e Análise de Conteúdo
Identificar os serviços e instalações oferecidas pela MIDI às empresas incubadas	<i>Homepage</i> da incubadora MIDI e Entrevista com Gestor MIDI	
Verificar o grau de sucesso da MIDI no atingimento dos objetivos que a incubadora se propõe a partir da visão dos empreendedores.	Questionários aplicados aos empreendedores das EBTs vinculadas ao MIDI.	

Fonte: Elaborado pelo autor (2016).

1.5 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

O capítulo 1 contextualizou a importância do setor tecnológico na dinâmica econômica do país e região de Florianópolis, e também a necessidade de compreender a eficiência econômica das Empresa de Base Tecnológicas suportadas por incubadoras. Explicitou-se ainda no capítulo, os objetivos e a relevância do estudo através das subseções objetivos e justificativa. E, por fim, apresentaram-se o delineamento metodológico, isto é, quais estratégias e ferramentas utilizadas em seu desenvolvimento, bem como a lógica de organização do trabalho.

O capítulo 2 tratou dos fundamentos teóricos utilizadas para a pesquisa, envolvendo os temas empreendedorismo, inovação, empresas de base tecnológica, incubadoras e especificamente, incubadoras de base tecnológica.

No capítulo 3 foram apresentados os resultados do trabalho, bem como um confronto teórico-empírico.

Por fim, no capítulo 4 conclui-se o trabalho demonstrando de maneira sintética os achados, limitações e sugestões para futuras pesquisas. Cabe ressaltar, que as referências são apresentadas ao final, juntamente com os apêndices da pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo contempla os conceitos sobre Empreendedorismo, Inovação, EBTs e por fim, abordam-se Incubadoras de empresas, sobretudo as IBTs e o seu apoio para as EBTs.

2.1 EMPREENDEDORISMO: CONCEITO

Derivado do francês “*Entrepreneur*”, o empreendedorismo significava no século XII “aquele que incentivava brigas”. Já no final do século XVIII passou a indicar o indivíduo que criava e conduzia projetos e empreendimentos (DOLABELA, 1999). Com o passar do tempo, diversas outras definições foram surgindo, mas somente em 1911, a partir dos estudos do famoso economista Joseph Alois Schumpeter, que o tema ganhou força (BARBIERI, 2003).

Schumpeter rompe radicalmente com a economia tradicional ao lançar sua primeira obra de grande influência, *Die Theorie der Wirtschaftlichen Entwicklung* (A Teoria do Desenvolvimento Econômico - TDE), a qual mesmo ainda não finalizada, apresentava suas principais teses, dentre elas, a distinção do capitalista e o empresário (o empreendedor) (DRUCKER, 2010).

Nas palavras de (SCHUMPETER, 1989, p. 56): “[...] alguém só é um empresário quando efetivamente ‘levar a cabo novas combinações’, e perde esse caráter assim que tiver montado o seu negócio, quando dedicar-se a dirigi-lo, como outras pessoas dirigem seus negócios”. Entende-se assim que, na medida em que um capitalista realiza uma nova combinação, isto é, uma inovação, ele pode ser considerado um empreendedor, todavia, deixa de sê-lo, assim que estabelece a mudança, e passa a administrá-la.

Neste sentido, Schumpeter chama então, de “empreendimento” a realização das novas combinações e de “empresários”, os indivíduos cuja função é realizá-las. O autor, vincula assim, a inovação a ação do empreendedor e a criação de novos mercados:

é, contudo, o produtor que, via de regra, inicia a mudança econômica, e os consumidores, se necessário, são por ele ‘educados’; eles são, por assim dizer, ensinados a desejar novas coisas, ou coisas que diferem de alguma forma daquelas que têm o hábito de consumir (SCHUMPETER, 1982, p.10).

Essa é a base de sua teoria da “destruição criadora”- a substituição de antigos produtos e hábitos de consumo por novos através dos agentes econômicos (sobretudo a partir do empresário inovador) - que é responsável pelas rupturas e desequilíbrios das estruturas capitalistas, de origem endógena, isto é, por sua própria iniciativa sendo causa última da instabilidade nas economias capitalistas e assumindo assim, forma cíclica.

“O Fenômeno Fundamental do Desenvolvimento Econômico”, onde aparece a figura central do empresário inovador — agente econômico que traz novos produtos para o mercado por meio de combinações mais eficientes dos fatores de produção, ou pela aplicação prática de alguma invenção ou inovação tecnológica (SCHUMPETER, 1982, p.9).

Entretanto, é oportuno esclarecer que o conceito de empresário estabelecido por Schumpeter, dado à época, é mais restrita que as atuais, já que este na visão do autor, não assume risco, tem iniciativa, autoridade e previsão. O autor deixa de considerar ainda dirigentes de empresas, gerentes ou industriais que simplesmente operam o negócio estabelecido.

Segundo Alves (2011), pode-se observar nos conceitos de empreendedorismo, a tendência de que o termo deixou de ser ligado exclusivamente aos negócios e às empresas, sendo também um comportamento, ou seja, pode estar associado a um projeto ou realização pessoal. Isso se deve às contribuições da psicologia e da sociologia nos estudos da área econômica.

Shapiro (1975; apud Leite, 2012), ressalta que há um consenso em quase todas as definições de empreendedorismo de que se fala de uma espécie de comportamento, no qual o empreendedor toma iniciativa, organiza alguns mecanismos sociais e econômicos, e aceita riscos de fracasso.

Para o economista, um empreendedor é aquele que combina recursos, trabalho, materiais e outros ativos para tornar seu valor maior do que antes; também é aquele que introduz mudanças, inovações e uma nova ordem. Para um psicólogo tal pessoa é geralmente impulsionada por certas forças – a necessidade de obter ou conseguir algo, experimentar, realizar ou talvez escapar a autoridade dos outros. Para alguns homens de negócios, um empreendedor pode ser um aliado, uma fonte de suprimento, um cliente ou alguém que cria riqueza para outros, assim como encontrar melhores maneiras de utilizar recursos, reduzir desperdício e produzir empregos que outros ficarão satisfeitos em conseguir (VESPER, 1975; apud BISPO et al, [s./d.].).

Para Ronstadt (1984, apud BISPO et al, [s./d.]) “o empreendedorismo é o processo dinâmico (d)e criar mais riqueza.” Essa riqueza é criada por determinados indivíduos que assumem os principais riscos em termos de patrimônio, tempo e/ou comprometimento com a carreira ou que provêm valor para algum produto ou serviço.

O empreendedorismo é um fator muito importante para as empresas, possibilitando a sobrevivência e prosperidade num ambiente econômico e de mudanças culturais, sociais ou geográficas. Segundo Dolabela (1999), o empreendedorismo envolve qualquer forma de inovação que tenha uma relação com a prosperidade da empresa.

Dentro deste contexto, o empreendedor é quem consegue fazer as coisas acontecerem, pois possui habilidades para isso. O empreendedor pode nascer com as características necessárias para o sucesso, bem como aprender através da influência familiar, estudo e prática. Segundo Chiavenato (2007), existem três características básicas para um empreendedor:

1. necessidade de realização;
2. disposição para assumir riscos; e
3. autoconfiança.

No Brasil, o empreendedorismo começou a se desenvolver na década de 90, devido a maior abertura da economia, gerando a necessidade de adaptação das empresas à modernização. Na mesma época, a fim de auxiliar os novos empreendimentos, surgiram o Serviço Brasileiro de Apoio a Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e a Sociedade Brasileira para Exploração de Software (SOFTEX) (OLIVEIRA, 2012).

Com isso, o fenômeno da inovação foi ganhando força no país.

2.2 INOVAÇÃO

Dada à mudança de paradigmas de uma economia industrial para uma economia do conhecimento, onde a dinamicidade e complexidade do mercado, além de outros elementos, configuraram a chamada nova competição, não há dúvida sobre a importância da inovação. Pilar estratégico de negócios e diferencial para as organizações enfrentarem os novos desafios, a inovação é considerada também “gatilho” que dispara e explica o desenvolvimento econômico (FIATES; FIATES, 2008; MARTINS, 2013).

Buscando explicar o fenômeno da inovação, retoma-se definição histórica de Schumpeter (1939), em seu livro *Business Cycles* o qual compreende a inovação, simplesmente como a obtenção de uma nova função de produção:

Este conceito abrange o caso de um novo produto, bem como de uma nova forma de organização como uma fusão, abertura de novos mercados, assim por diante. Chamo a atenção que a produção no sentido econômico, não é apenas a combinação de serviços produtivos, podemos expressar a mesma ideia dizendo que a inovação combina fatores de uma nova maneira, ou que consiste na realização de novas combinações [...] (SCHUMPETER, 1939, p.83, tradução nossa).

Com base nisso, produzir para Schumpeter (1989) significa utilizar de diferentes métodos, forças e materiais, ou seja, “novas combinações” que descontinuas levam ao desenvolvimento. Estas cinco novas combinações, atualmente chamadas de inovações, podem ocorrer através da:

- introdução de um novo bem ou de uma nova qualidade de um bem.
- introdução de um novo método de produção ou nova maneira de manejar comercialmente.
- abertura de um novo mercado.
- conquista de uma nova fonte de oferta de matérias-primas ou de bens semimanufaturados.
- estabelecimento de uma nova organização de qualquer indústria como criação de uma posição de monopólio ou fragmentação deste.

Assim como o empreendedorismo, a inovação também sofrera atualizações, dentre suas definições atuais destaca-se o conceito apresentado pelo manual de Oslo, o qual compreende a inovação como: “a implementação de um novo produto (bem ou serviço), processo, método de *marketing*, ou ainda um novo método organizacional nas práticas de negócios [...]”(OCDE, 2005, p.46, tradução nossa). Esta definição assim como a de Schumpeter, está estreitamente ligada com a inovação tecnológica (OCDE, 1997).

Desta forma, a inovação pode acontecer segundo Sarkar (2008) em duas perspectivas:

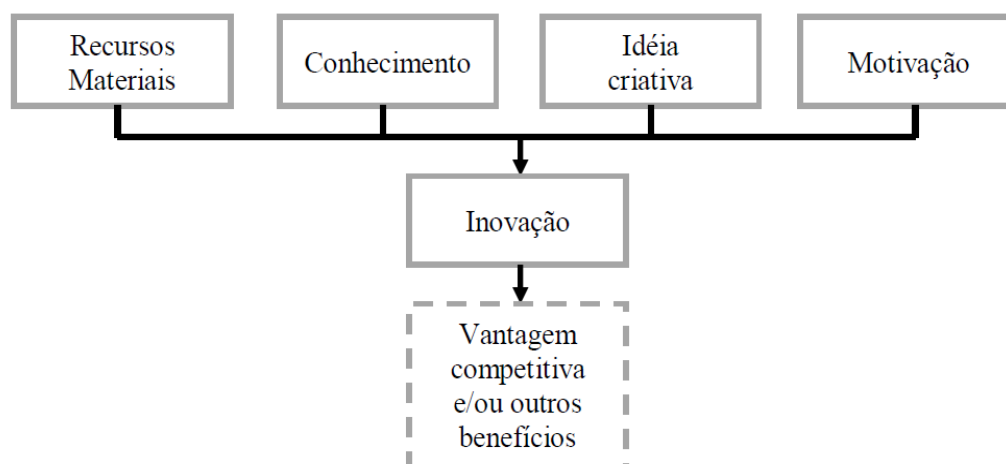
- macro: onde a inovação tem a ver com as novidades para o mundo, para a indústria e para o mercado. Esta perspectiva está intimamente ligada à descontinuidade tecnológica, o aumento de produtividade e competitividade.
- micro: nesta perspectiva vê-se a inovação como novidade para empresa e para o consumidor.

Sarkar (2008) ainda sinaliza que as organizações podem optar por trabalhar a partir de dois pontos de partida: criar por completo novos produtos e serviços ou ainda fazer aperfeiçoamentos em produtos ou serviços já existentes. O que de forma genérica significa dizer que as inovações tecnológicas podem ser:

- radicais: implica no desenvolvimento de novos produtos, processos ou serviços. Implica em uma ruptura estrutural com o padrão tecnológico anterior, originando novas indústrias, setores e mercados (FREEMAN, 1988). Ou,
- incrementais: referindo-se à introdução de qualquer tipo de melhoria em um produto, processo ou organização da produção dentro de uma empresa, sem alteração na estrutura industrial (FREEMAN, 1988).

Para Alencar (1996), as ideias criativas são a origem da inovação, mas apenas a ideia não é suficiente para que a inovação se realize, tornando o processo muitas vezes um desafio. A autora define na Figura 1, alguns fatores necessários para a inovação.

Figura 1 - Fatores necessários à inovação



Fonte: Alencar (1996).

A inovação é um mecanismo dos empreendedores, sendo uma forma de explorar a mudança como uma oportunidade para realizar um negócio ou serviço diferente. “Os empreendedores precisam buscar, com propósito deliberado, as fontes de inovação, as mudanças e seus sintomas que indicam oportunidades para que uma inovação tenha êxito” (DRUCKER, 2011, p. 25 apud LEITE, 2012).

Desta forma, os empreendedores têm um importante papel na manutenção do ritmo de inovação em empresas de pequeno e médio porte (e, sobretudo em empresas de base tecnológica), já que elas normalmente possuem dificuldades com relação aos recursos financeiros ou gerenciais, por exemplo.

2.3 EMPRESAS DE BASE TECNOLÓGICA (EBTS)

As empresas de base tecnológica se diferenciam por adotar atividades de inovação tecnológica para produtos e processos, utilizando profissionais técnicos, cientistas e pesquisadores (TOLEDO et al, 2008).

Segundo Santos (1984, apud NAKAGAWA, 2008), as empresas de tecnologia avançada operam com processos, produtos ou serviços que possuam tecnologia inovadora. A competição nesses setores de natureza dinâmica é estimulada pela evolução constante do elenco, baseando nos elevados investimentos em pesquisa tecnológica.

“Empresas de alta tecnologia atuam com uma série de tecnologias baseadas na exploração da ciência e da pesquisa aplicada para o desenvolvimento de produtos inovadores” (LEVY, 1998, apud NAKAGAWA, 2008).

Para Fernandes, Côrtes e Pinho (2004) as EBTs têm o conhecimento como componente estratégico para a competitividade, concentrando seus esforços no desenvolvimento e fabricação de novos produtos.

Uma EBT, segundo Gonzalez, Girardi e Segatto (2009, p. 2),

é uma organização criada a partir de tecnologias desenvolvidas principalmente no interior da organização de onde origina esta empresa, podendo ser uma universidade, um centro de pesquisa ou uma empresa privada. Normalmente esta empresa tecnológica possui mais da metade das operações em P&D, a maioria do quadro de funcionários é altamente qualificado e possui uma elevada densidade tecnológica.

De acordo com o SEBRAE (2001), uma incerteza das empresas de base tecnológica é em relação à trajetória tecnológica ser desconhecida, trazendo dúvidas sobre o funcionamento do novo produto, obsolescência das tecnologias vigentes, efeitos imprevistos da tecnologia, prazos de colocação do produto no mercado e garantia de qualidade do serviço. Além disso, há outras incertezas relativas à interação da tecnologia com o mercado, como o padrão tecnológico que os clientes vão adotar e suas futuras necessidades.

Existem diversas dificuldades no processo de criação de EBTs, “desde a obtenção de recursos financeiros, insumos e mão-de-obra, até os problemas gerenciais propriamente ditos” (FERRO; TORKOMIAN, 1988, p. 45).

2.4 AS INCUBADORAS: HISTÓRICO MUNDIAL E NACIONAL

Foi a partir da difusão de três diferentes iniciativas que, segundo Dias e Carvalho (2002, apud SOUZA, 2015), nasceram as primeiras atividades designadas como incubação de empresas nos Estados Unidos, são elas: condomínio de empresas, programas de empreendedorismo e investimento em novas empresas de tecnologia.

O modelo surgiu em 1959 no estado de Nova Iorque (Estados Unidos), quando houve o fechamento de uma das fábricas da Massey Ferguson, gerando um grande número de desempregados. O comprador das instalações, Joseph Mancuso, resolveu sublocar o espaço para pequenas empresas iniciantes, que compartilhavam equipamentos e serviços (ANPROTEC, 2016).

Mancuso adicionou ao modelo, além da infraestrutura física, alguns serviços que poderiam ser compartilhados pelas empresas instaladas no local, como secretaria, contabilidade, vendas, *marketing* e outros, o que gerava redução dos custos operacionais e aumento da competitividade.

Na região do Vale do Silício, já nos anos 70, as incubadoras manifestaram-se como um mecanismo de incentivar universitários recém-graduados a propagar suas inovações tecnológicas e a criar espírito empreendedor (ANPROTEC, 2016). Assim, através de parcerias, os jovens tinham a oportunidade de amadurecer seus negócios nascentes.

De acordo com Meeder (1993, apud DORNELAS, 2002), a partir dos anos 1970, três razões conduziram o desenvolvimento das incubadoras de empresas estadunidenses:

- motivação para encontrar novas utilidades para prédios antigos e abandonados em áreas retiradas;
- fundos provenientes da Fundação Nacional da Ciência de apoio ao empreendedorismo e à inovação nas maiores universidades dos Estados Unidos e;
- iniciativas de vários empreendedores e grupos de investidores para transferir suas experiências a novas empresas em um ambiente propício à inovação tecnológica e comercialização de produtos de tecnologia.

No Brasil, as primeiras incubadoras surgiram na década de 1980 com iniciativa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). A empresa pioneira foi estabelecida na cidade de São Carlos (São Paulo), com quatro empresas instaladas e é considerada a mais antiga da América Latina (MORIGI e SOUZA, 2013). Além de São Carlos (São Paulo), foram instaladas incubadoras nas cidades de Campina Grande (Paraíba), Florianópolis (Santa Catarina) e Rio de Janeiro (Rio de Janeiro).

No ano de 1987 surgia a ANPROTEC, que representava as incubadoras de empresas e qualquer outro empreendimento que utilizasse o processo de inovação para gerar inovação no Brasil. Com isso, o movimento de criação de incubadoras tornou-se mais articulado e organizado (ANPROTEC, 2016).

No começo da década de 1990, o SEBRAE através de ações destinadas à implantação, desenvolvimento e fortalecimento, passou a apoiar o movimento de criação de incubadoras. “Este apoio tem se viabilizado até os dias atuais através de uma série de ações como acesso a produtos e serviços que o sistema oferece, além do repasse de recursos financeiros” (MORIGI; SOUZA, 2013, p.5).

2.4.1 Cenário atual e características

Um estudo realizado em 2012 pela ANPROTEC, em parceria com o Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), mostrou que o Brasil tinha 384 incubadoras em operação no ano de 2011, abrigando 2.640 empresas e gerando 16.394 postos de trabalho. Essas incubadoras também já graduaram 2.509 empreendimentos, que em 2011 faturaram R\$ 4,1 bilhões e empregavam 29.205 pessoas e, possuem 1.124 empresas associadas.

O mesmo estudo sinalizou outro dado relevante: 98% das empresas incubadas inovam, sendo que 28% com foco no âmbito local, 55% no nacional e 15% no mundial. Além disso, o estudo evidencia que das 2.640 empresas incubadas do Brasil, 58% têm foco no desenvolvimento de novos produtos ou processos resultantes de pesquisa científica e 38% atuam na inserção de Arranjos Produtivos Locais (APLs) de alta tecnologia. Um pouco mais da metade (52%) dessas firmas opera na prestação de serviços, enquanto que 43% delas estão na área industrial e 5% na agroindústria.

Ainda segundo o estudo, os objetivos que as incubadoras mais almejam são a criação de *spin-offs*, a dinamização da economia local, a inclusão socioeconômica, a dinamização de setor específico de atividade e a geração de emprego e renda.

Segundo Medeiros e Atas (1995), uma incubadora bem-sucedida depende de suas características específicas (escolha da área, serviços e gestão adequados); do contexto socioeconômico local; dos conhecimentos e da agressividade dos organizadores (parceiros); e do quadro de competências que é montado.

Audy *et al.* (2004, apud LUZARDI; OLIVEIRA; DUHÁ, 2006) assinalam os principais desafios de uma incubadora pertinentes ao sucesso de empresas de base tecnológica:

- formar uma rede de relacionamentos capaz de gerar negócios para as empresas incubadas;
- estabelecer uma marca reconhecida no meio empresarial, financeiro e político;
- constituir e manter uma boa equipe de gestão; e
- estabelecer mecanismos eficientes de controle e gestão das empresas incubadas.

O processo de incubação pode ser dividido em três fases: pré-incubação, incubação e pós-incubação.

Na pré-incubação, estão iniciativas como auxílio ao preparo do plano de negócios. Na fase de incubação, encontra-se a incubadora em si que pode se caracterizar como virtual, ou seja, não possuir infraestrutura física própria para a acomodação das empresas. Na fase de pós-incubação encontram-se as empresas que objetivam ampliar seus mercados, inovar em produtos e serviços, atender outros nichos, enfim, empresas que buscam a expansão do negócio (BITTENCOURT, 2008).

O público alvo das incubadoras de empresas é definido em micro e pequenas empresas em fase inicial de funcionamento; empreendedores que possuam um projeto de negócio e micro e pequenas empresas em operação. Para participar de uma incubadora, o negócio precisa ter viabilidade econômica e técnica e retorne um produto/serviço/processo inovador e competitivo. Além disso, é necessário participar de um processo seletivo, onde os interessados devem entregar um plano de negócios que será avaliado pelo Conselho de Administração de Incubadoras, aprovando ou não a entrada (MORIGI; SOUZA, 2013).

As incubadoras não possuem uma característica genérica para atender às demandas dos diversos setores da economia, elas possuem, na verdade, especificações diferentes considerando as diversas áreas de atuação das empresas em estágio de incubação. É necessário, desta forma, classificá-las de acordo com o segmento ou setor da atividade fim (BITTENCOURT, 2008).

2.4.2 Incubadoras e seus conceitos

As incubadoras de empresas, segundo Aranha (2002, apud FREITAS e SALLES, 2011), são ambientes onde se misturam as dimensões científicas e empresariais, tendo como principal função a criação de um elo entre o pensamento acadêmico-científico com a aplicação empresarial. A partir desta união são levados à sociedade novos processos, novos produtos e novos serviços.

As incubadoras são organismos capazes de auxiliar as novas empresas, proporcionando parcerias estratégicas e capacitação para inovação. São instrumentos para geração de empregos e desenvolvimento econômico regional e nacional (LUZZARDI; OLIVEIRA; DUHÁ, 2006). São também formas de unir tecnologia, capital e *know-how* a fim de alavancar o empreendedor, motivar a criação de novas empresas e acelerar a exploração da tecnologia (GRIMALDI E GRANDI, 2005).

Para Dornelas (2002) uma incubadora de empresas é uma ferramenta para acelerar o desenvolvimento de empreendimentos mediante um regime de negócios, serviços e suporte técnico compartilhado, além de orientação prática e profissional. O objetivo principal de uma incubadora deve ser a produção de empresas de sucesso, financeiramente viáveis, em constante desenvolvimento e competitivas em seu mercado.

Salomão (1999, apud BAÊTA; BORGES; TREMBLAY, 2006) afirma que quando bem estruturadas, as incubadoras apresentam resultados importantes como: estímulo ao associativismo e ao empreendedorismo, adoção de novas tecnologias, aumento de produtividade com ênfase na qualidade para maior competitividade, adequação à questão urbana, minimização dos custos pela ação compartilhada entre empresas, sintonização da empresa com a chamada sociedade do conhecimento e inserção das empresas no processo de globalização da economia.

Para o MCTI (2002), são considerados necessários para implantação de incubadoras de empresas, serviços que viabilizem a formação, capacitação e treinamento de empresário-empREENDEDORES nos principais aspectos gerenciais, tais como gestão empresarial, gestão da inovação tecnológica, comercialização de produtos e serviços no mercado doméstico e externo, contabilidade, *marketing*, assistência jurídica, captação de recursos, contratos com financiadores, gestão da inovação tecnológica, engenharia de produção e propriedade intelectual.

2.4.2.1. Os tipos de incubadoras

Segundo Moreira (2002), as incubadoras podem ser classificadas, de forma preliminar, em dois tipos segundo sua origem e objetivos: as públicas e as privadas.

As incubadoras públicas são mediadas por objetivos sociais e orientadas a criar oportunidade para a sociedade. O financiamento é realizado pelo Estado, elas não possuem fim lucrativo e na grande maioria dos casos sua origem está associada a fundações e instituições também sem fins lucrativos, que a gerenciam.

As incubadoras privadas funcionam a partir de grandes empresas que desenvolvem programas de incubação para desenvolvimento de novas tecnologias e/ou novos negócios. Estas incubadoras têm fins lucrativos, através de ganhos de capital ou através de ganhos no campo das novas tecnologias com aplicação comercial.

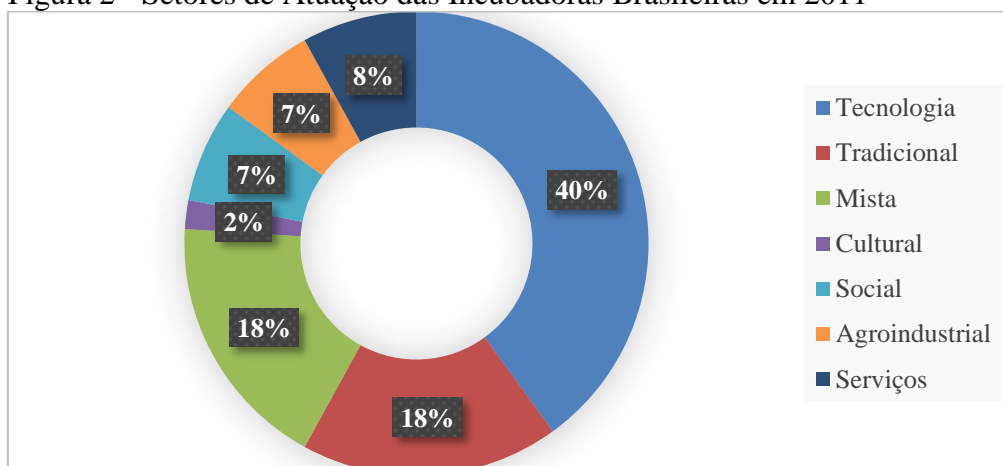
As incubadoras são consideradas, de acordo com Souza (2015) como centros que estimulam a criação de empreendimentos e podem ser ainda classificados como:

- **incubadora de empresas de base tecnológica:** abriga empreendimentos na área de informática, biotecnologia, química fina, mecânica de precisão e novos materiais.

- **incubadora de empresas de setores tradicionais:** organização que abriga empreendimentos ligados aos setores da economia que detêm tecnologias largamente difundidas e que queiram agregar valor aos seus produtos, processos ou serviços, por meio de incremento em seu nível tecnológico.
- **incubadora mista:** organização que abriga ao mesmo tempo empresas de base tecnológica e de setores tradicionais.
- **incubadora setorial:** organização que abriga empreendimentos de apenas um setor da economia.
- **incubadora cultural:** apoia empreendimentos voltados para a área da cultura, como, por exemplo, música, escultura, fotografia, cinema, eventos, entre outras do mesmo grupo de atuação.
- **incubadora social:** são incubadoras que apoiam empreendimentos oriundos de projetos sociais, ligados aos setores tradicionais, cujo conhecimento é de domínio público, e que atendam à demanda de emprego e renda e de melhoria da qualidade de vida da comunidade.
- **incubadora agroindustrial:** organização que abriga empreendimentos de produtos e serviços agropecuários, com vistas a facilitar o processo empresarial e de inovação tecnológica.
- **incubadora de cooperativa:** incubadora que apoia cooperativas em processo de formação e/ou consolidação instaladas dentro ou fora do município com o objetivo de criação de trabalho e renda.

No Brasil, inicialmente, as incubadoras estavam focadas apenas em setores intensivos em conhecimentos científico-tecnológicos. Atualmente, há uma maior diversificação das atividades, a Figura 2 evidencia os setores de atuação das incubadoras brasileiras.

Figura 2 - Setores de Atuação das Incubadoras Brasileiras em 2011



Fonte: ANPROTEC (2012).

O estudo da ANPROTEC (2012) evidencia que 40% dos negócios gerados a partir de incubadoras pertence ao segmento de tecnologia. Por considerar este um percentual significativo, é que se optou por abordar uma incubadora deste segmento.

2.4.2.2 Incubadoras de empresas de base tecnológica: Santa Catarina

No Estado de Santa Catarina, assim como nas demais regiões do país o setor de tecnologia se destaca na atuação das incubadoras.

De acordo com a Federação das Indústria do Estado de Santa Catarina (FIESC) (2016), o Estado possui um importante parque industrial que ocupa posição de destaque no Brasil. A indústria de transformação catarinense é a quarta do país em quantidade de empresas e a quinta em número de trabalhadores.

A estrutura desta indústria no Estado está concentrada em três importantes cidades: Blumenau, Joinville e Florianópolis, possuindo cada uma delas dinâmicas diferenciadas em sua composição e formação (RAUEN, 2006).

Segundo Leite (2003, apud KANITZ, 2013) a formação destes polos contribuiu para estimular e acelerar a criação de entidades de apoio às empresas de base tecnológica, ainda mais com apoio de recursos disponibilizados pelo Ministério das Comunicação (MinC).

Em Santa Catarina pode-se destacar as seguintes:

- ACATE –fundada em1986 em Florianópolis;

- Polo Tecnológico de Informação e Comunicação da Região de Blumenau (BLUSOFT)- 1992 em Blumenau;
- Softville - 1995 em Joinville.

De acordo com os dados disponibilizados pela FIESC (2016) e ANPROTEC (2016), existem atualmente 23 incubadoras de empresas em Santa Catarina, algumas delas são associadas à ANPROTEC. No Quadro 2 constam as incubadoras e as cidades onde estão instaladas.

Quadro 2 - Incubadoras em Santa Catarina

Incubadora	Cidade
Centro de Inovação e Tecnologia de Biguaçu (CITEB)	Biguaçu
Incubadora do Instituto Gene (CREIEM)	Blumenau
Incubadora Tecnológica da Unochapecó (INCTECH)	Chapecó
Incubadora de Ideias e Negócios (ITEC.IN)	Criciúma
Incubadora MIDI Tecnológico	Florianópolis
Centro Empresarial para Laboração de Tecnologias Avançadas (CELTA)	Florianópolis
Parque Tecnológico Alfa	Florianópolis
Incubadora de Base Tecnológica em Engenharia Biomédica (ITEB/UFSC)	Florianópolis
Incubadora de Empresas (INPRETEX)	Indaial
Núcleo de Inovação Tecnológica (UNIINOVA)	Itajaí
Tecnovale	Joaçaba
Incubadora Jaraguatéc	Jaraguá do Sul
Incubadora de Base Tecnológica de Joinville (MIDIville)	Joinville
Parque de Inovação Tecnológica de Joinville e Região (INOVAPARQ)	Joinville
Incubadora Tecnológica de Softville	Joinville
Micro Distrito de Base Tecnológica - Incubadora MIDILages	Lages
Celta Pedra Branca	Palhoça
Núcleo Gerador de Empresas de Desenvolvimento Integrado de Incubação (GTEC)	Rio do Sul
Incubadora Rinetec	Rio Negrinho
Incubadora Tecnológica do Alto Vale do Rio Negro (ITFETEP)	São Bento do Sul
Incubadoras de Empresas de São José	São José
Incubadora de Empresas do Vale do Rio Tijucas – INCEVALE	Tijucas
Centro Regional de Inovação e Empreendedorismo (CRIE)	Tubarão

Fonte: Adaptado ANPROTEC (2016); FIESC (2016).

Na cidade de Florianópolis se destacam duas incubadoras de base tecnológica, o CELTA e a MIDI Tecnológico.

A incubadora CELTA é gerida pela Fundação CERTI e foi criada em 1986. Tem como objetivo viabilizar um promissor setor econômico da região, através de talentos e conhecimentos provenientes da UFSC. “Sua missão é prestar suporte a Empreendimentos de Base Tecnológica – EBTs e, ao mesmo tempo, estimular e apoiar sua criação, desenvolvimento, consolidação e interação com o meio empresarial e científico” (CELTA, 2016).

A incubadora MIDI Tecnológico, objeto de estudo deste trabalho, é uma das incubadoras mais recentes da região fundada em 1998, a incubadora tem como entidade mantenedora o SEBRAE/Santa Catarina e a ACATE com entidade gestora.

3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

3.1 A CARACTERIZAÇÃO DA INCUBADORA MIDI TECNOLÓGICO E DAS EMPRESAS DE BASE TECNOLÓGICA ENTREVISTADAS

A seleção do MIDI Tecnológico, objeto de estudo deste trabalho foi intencional, já que é uma das incubadoras mais importantes da região Sul do Brasil. A entrevista ocorreu com seu Secretário Executivo que já possui sete anos de experiência na área (somando sua trajetória na ACATE e MIDI). Para preservar sua identidade, será o entrevistado aqui nomeado como Gestor.

Em se falando do MIDI, a incubadora abriga empresas incubadas cujos produtos, processos ou serviços são gerados a partir de resultados de pesquisas científicas aplicadas, nas quais a tecnologia e a inovação representam alto valor agregado. Tem como objetivo prestar serviços de Incubação, para o desenvolvimento de empreendimentos nascentes de base tecnológica, visando a criação de empresas inovadoras e sustentáveis (MIDI, 2016). A entidade já apoiou 84 empresas de base tecnológica graduadas e atualmente conta com 19 incubadas (10 residentes e nove virtuais), quatro pré-incubadas e sete pós-incubadas. As empresas são das mais diversas áreas como agronegócio, indústria, saúde e segurança.

O MIDI Tecnológico recebeu o Prêmio Nacional de Empreendedorismo Inovador da ANPROTEC três vezes, em 2008 foi eleita a melhor incubadora do Brasil para a Geração e Uso Intensivo de Tecnologias, em 2012 como melhor incubadora do Brasil para desenvolvimento local e regional e, em 2014 como melhor incubadora do Brasil para promoção da cultura do empreendedorismo (MIDI, 2016).

Comparado ao ano de 2014, o ano de 2015 apresentou crescimento significativo, as incubadas do MIDI Tecnológico tiveram um aumento de 73% em seu faturamento. Os investimentos realizados em pesquisa, desenvolvimento e inovação também obtiveram crescimento, somando mais de R\$1,5 milhão (COVERGECOM, 2016).

O MIDI Tecnológico também se destaca por oferecer a modalidade de incubação virtual para empresas, empresas nascentes que não se instalam fisicamente no ambiente da instituição, mas têm acesso a todos os demais serviços e benefícios da incubação, consultorias tecnológicas e de gestão, programas, eventos de *networking*, cursos e associação à ACATE.

A seleção dos empreendedores vinculados ao MIDI foi realizada por acessibilidade. Assim, aceitaram participar da pesquisa seis empreendedores, dos quais, dois são pós-incubados, um graduado, dois incubados residentes e um incubado virtual, estas ETBs são aqui nomeadas de forma fictícia para preservação de suas identidades, conforme caracteriza o Quadro 03.

Quadro 3 - Caracterização das empresas entrevistadas que aderiram ao estudo

EBTs	
<p>Empresa A Número de sócios: 3 sócios Número de funcionários: 0 Segmento de atuação: Software Status: Incubada Tempo de Incubação: 2 meses Data de fundação da empresa: 10/04/2016 Taxa de crescimento da empresa: Ainda em validação Faturamento anual e meta: Ainda em validação Produto e Serviços: Metodologia e ferramental de inteligência competitiva para extração de conhecimento gerando subsídio na tomada de decisão estratégica. Composição de mapas estratégicos e de competências. Público Alvo: Empresas de médio e grande porte dos setores Têxtil, Educação, Saúde, dentre outro.</p>	<p>Empresa D Número de sócios: 5 sócios Número de funcionários: 6 Segmento de atuação: Automação Comercial Status: Incubada Virtual Tempo de Incubação: 8 meses Data de fundação da empresa: 21/01/2015 Taxa de crescimento da empresa: Em 12 meses passaram de 12 para 60 clientes Até o final de 2017 a meta é atingir 400 clientes Faturamento anual e meta: 2015 = R\$ 8.000 Projeção e meta de R\$ 350.000,00 Produto e Serviços: Sistema para automação de chopeiras para self-service de chope, ativado pelo cliente utilizando tecnologias como RFID, NFC e Apps. O sistema pode ser adaptado em qualquer tipo de chopeira, seja em mesas ou paredes. Público Alvo: Bares, Pubs e Eventos com grande rotatividade de clientes ou com uma variedade de estilos de chopes</p>
<p>Empresa B Número de sócios: 3 sócios (2 físicas e 1 jurídica) Número de funcionários: 11 Segmento de atuação: Internet e Serviços Status: Graduada Tempo de Incubação: 3 anos (2011 – 2014) Data de fundação da empresa: 2011 Taxa de crescimento da empresa: 2011: R\$ 61.013,61 2012: 153.586,94 (151,72%) 2013: R\$ 298.000,00 (94,02%) 2014: 716.778,05 (140,52%) 2015: 2.100.000,00 (192,97%) Faturamento anual e meta: 2015 = R\$ 2.100 Milhões Projeção e meta R\$ 8 Milhões Produto e Serviços: Coletas customizadas - São projetos de coleta e disponibilização de informações da internet feitos de acordo com as necessidades do cliente. News Stream- é um coletor de notícias na nuvem. É o jeito mais rápido, fácil, seguro e barato de integrar conteúdo noticioso às suas soluções. Público Alvo: Clipadoras, empresas de inteligência, empresas de monitoramento, assessorias e agências de comunicação.</p>	<p>Empresa E Número de sócios: 2 sócios Número de funcionários: 20 Segmento de atuação: Internet e Serviços Software Outsourcing Status: Pós-Incubada Tempo de Incubação: 2 anos (2013 - 2015) Data de fundação da empresa: junho de 2010 Taxa de crescimento da empresa: 20% Faturamento anual e meta: 1.2 milhões - faturamentos (2015), meta 1.5 Milhões com (30% de lucratividade) (2016) Produto e Serviços: pesquisa com usuários: A pesquisa com usuários através de vários métodos visa entender os objetivos e como os usuários utilizam o produto. - Design de Interação: Produzem interfaces fáceis e intuitivas de serem usadas. - Projeto Visual: Criam e projetam todo o layout e identidade visual de um software, com a preocupação de que o que foi desenhado seja implementado corretamente. Desenvolvimento Front-end: Possuem uma equipe de especialistas em desenvolvimento front-end web (HTML, CSS e JavaScript) com experiência em várias plataformas e linguagens back-end. Público Alvo: Empresas de TI em geral</p>

<p>Empresa C Número de sócios: 3 sócios Número de funcionários: 2 fixos + 7 freelancers Segmento de atuação: Educação e Entretenimento Status: Incubada Residente Tempo de Incubação: 4 meses Data de fundação da empresa: 15 de maio de 2014 Taxa de crescimento da empresa: média de 300% Faturamento anual e meta: Ainda em validação Produto e Serviços: Possui foco em desenvolvimento e concepção de tecnologias para soluções transmídias. O novo produto é uma Plataforma online para criação, publicação e comercialização de livros infantis de maneira fácil e intuitiva. Acessível através de dispositivos móveis e publicar livros diretamente para o público-alvo. Público Alvo: Pais que estão procurando conteúdos de qualidade para seus filhos, buscando segurança e credibilidade nos mesmos.</p>	<p>Empresa F Número de sócios: 3 sócios Número de funcionários: 7 Segmento de atuação: Software Outsourcing Status: Incubada Residente Tempo de Incubação: 1 ano e 6 meses Data de fundação da empresa: fev de 2013 Taxa de crescimento da empresa: 100% Faturamento anual e meta: dobrar a cada ano o faturamento e número de funcionários Produto e Serviços: Sistema de Rastreamento para Ambientes Fechados (Indoor-Mapping) associado a duas ferramentas: a Ferramenta de Análise de Comportamento e a Ferramenta de Engajamento de Clientes. Público Alvo: Supermercados, varejistas, shoppings, usuários de smartphones, fabricantes de produtos.</p>
---	---

Fonte: Elaborado pelo autor, 2016.

Dos diversos segmentos atendidos pelas EBTs do MIDI, são destaques entre as empresas aderentes ao estudo: Educação, Gestão Empresarial, Governança Corporativa, Indústria, Saúde, Têxtil, Internet e Serviços, Entretenimento, Software Outsourcing, Automação Comercial.

O número de funcionários varia de três a 20, considerando que há empresas em que os sócios trabalham e também administram o negócio.

Quanto ao tempo de incubação das empresas, pode-se destacar que dependendo da modalidade em que elas se inserem (pré-incubação, Incubação Virtual, Incubação Residente) o tempo considerado pode variar de 12 a 30 meses (MIDI, 2016).

3.2 OS REQUISITOS ESSENCIAIS PARA ENTRADA E AS MODALIDADES DE EBTS ATENDIDAS PELO MIDI

Para qualificar os potenciais empreendedores, a incubadora MIDI fornece um treinamento sobre o processo seletivo e a construção da proposta a serem submetidas. O treinamento é ministrado pela equipe do MIDI e pelos Consultores de Plano de Negócios e Comercial e *Marketing* da incubadora. Cabe ressaltar que o processo seletivo para incubação é realizado de forma contínua. E, para outras modalidades via edital.

Conforme as informações contidas na *homepage* da incubadora (MIDI, 2016), as modalidades ou categorias de EBTs atendidas pelo MIDI são:

- **Pré-incubação** - consiste no apoio aos empreendimentos em estágio inicial, com ideia de produto, processo ou serviço inovador que tenha potencial de mercado. Nesta fase, são disponibilizados o suporte e as orientações necessárias para validação da ideia e do modelo de negócio, análise da viabilidade técnica e econômica, identificação do perfil empreendedor dos sócios e constituição da empresa.
- **Incubação** - visa apoiar empresas formalmente constituídas, com produtos, processos ou serviços inovadores consolidados e com Plano de Negócios já definido. Nesta fase, são priorizados o suporte e orientações necessárias para a estruturação do negócio e execução de um plano empresarial e formação do empreendedor.

A Incubação ocorre por meio das modalidades, ambas com acesso aos serviços e benefícios oferecidos:

- **Incubação Residente** - as empresas instalam-se fisicamente nas dependências da incubadora.
- **Incubação Virtual** - a empresa possui sua própria sede, situada na região da Grande Florianópolis.

As duas modalidades são idênticas, com exceção da instalação física.

- **Pós-incubação** - contempla o relacionamento com empresas que já superaram o estágio de Incubação, mas que possuem interesse em manter um vínculo com a incubadora para usufruir dos serviços e benefícios oferecidos, com valores diferenciados.

São candidatos elegíveis, ou seja, aqueles que podem submeter propostas, pessoas físicas ou jurídicas de forma individual ou em sociedade.

Quando a modalidade pretendida é a pré-incubação, não é exigido do proponente que a empresa esteja constituída, todavia, uma vez que a proposta esteja aceita, estes têm 90 dias para a constituição da pessoa jurídica. Já a modalidade de incubação, seja ela residente ou virtual, exige a constituição prévia da empresa.

O processo de seleção geralmente envolve etapas eliminatórias, e a empresa deve obter uma nota média sete nas mesmas para passar para próxima etapa. Assim as três etapas são compostas pela descrição e submissão do projeto; entrevista e; a banca final que avalia o modelo de negócio do proponente segundo seu conhecimento sobre: oportunidade; solução; mercado; recursos; concorrentes; inovação; vendas e receita; time. Outros critérios utilizados são: a) qualificação da solução inovadora (produto, processo ou serviço de base tecnológica); b) qualificação da equipe de empreendedores e complementaridade de competências; c) qualidade e consistência do modelo do negócio proposto; d) clareza e consistência das informações bem como alinhamento com o MIDI Tecnológico (MIDI, 2016).

Uma vez selecionada, a empresa passa a usufruir de todos os benefícios e suporte que a incubadora dispõe.

3.3 BENEFÍCIOS E SUPORTE FORNECIDOS PELA INCUBADORA MIDI PARA O SUCESSO DAS EBTS

3.3.1 Na Visão do Gestor e a partir da *homepage* da Incubadora

Segundo seu Gestor, o objetivo principal da incubadora MIDI é “desenvolver empresas de tecnologia para que elas se tornem empresas de sucesso, focando no empreendedor, atuando junto com ele, estando lado a lado”.

Mas, para atingir o objetivo do MIDI, o Gestor destaca alguns desafios que a incubadora enfrenta, os quais, são basicamente ligados à “área comercial, de apoio em mercado, escala da empresa no mercado”. Isto é, apoiar a empresa a atingir posicionamentos competitivos na acirrada configuração atual de mercado.

Entretanto, é importante expressar por parte da incubadora o que é compreendido como sucesso de uma empresa incubada. Assim, o Gestor explicita que é ter planejamento, manutenção e revisão de suas metas a cada seis meses, cujos indicadores e as próprias

metas uma vez atingidas, são redefinidas. Em síntese, é obter um desempenho significativamente melhor em comparação ao desempenho de quando se entra na incubadora (número de funcionários, faturamento, etc). Já o sucesso para empresas graduadas ou pós-incubadas, o Gestor percebe como uma empresa madura, capaz de se desenvolver “com as próprias pernas”. Cabe ressaltar que o MIDI realiza anualmente, acompanhamentos de sucesso do desempenho mesmo de empresas pós-incubadas.

Ao ser questionado sobre os diferenciais do MIDI em relação às outras incubadoras de base tecnológica do Brasil, o Gestor destaca as três premiações como melhor incubadora do país no fomento ao empreendedorismo inovador; ainda, o seu espaço físico; a sua modalidade virtual; suas parcerias, sobretudo com a ACATE, instituição gestora da incubadora (são 15 funcionários envolvidos) e, o SEBRAE, instituição mantenedora. O Gestor destaca neste ponto que a incubadora MIDI é a única do Brasil a ter parceria com o SEBRAE.

Diante disso, na visão do Gestor e também identificado na *homepage* da MIDI (2016), a incubadora fornece os seguintes benefícios e suporte para as ETBs:

- desenvolvimento e aperfeiçoamento dos gestores, por meio de capacitações e consultorias estratégicas. Usualmente são oferecidas consultorias nas áreas: jurídica; contábil; plano de negócios; administrativo-financeira; recursos humanos; comercial e *marketing*; gestão estratégica; comunicação, imprensa e *marketing* digital;
- oportunidades de participação em programas e cursos oferecidos pelo SEBRAE/SC e outros parceiros da incubadora;
- consultoria tecnológica, por meio do programa SEBRAETEC;
- programa de apadrinhamento;
- programa de gestão estratégica;
- programa de desenvolvimento do empreendedor;
- associação automática à ACATE (com isenção da taxa de associação durante o período de incubação) e acesso direto à todos os benefícios e convênios;

- participação nas verticais de negócios da ACATE – grupos de empresas associadas que atuam em mercados semelhantes e complementares, com o intuito de estimular o associativismo, networking, projetos e negócios;
- eventos de *networking* empresarial e fortalecimento da rede de relacionamento;
- aproximação com investidores;
- contratação das empresas incubadas por empresas beneficiárias da lei de informática, para realização de projetos de P&D&I, uma vez que a incubadora é credenciada junto ao Comitê da Área de Informática (CATI)/MCTI.
- divulgação de oportunidades variadas, tais como: editais para captação de recursos, programas de capacitação, missões empresariais, participação em feiras e eventos, entre outros.

Face ao exposto, a incubadora MIDI (2016) pretende através de seus **valores** (ética, comprometimento, valorização das pessoas, confiança e equidade):

- alavancar o sucesso de empresas de base tecnológica (**Missão**) e;
- ser a incubadora número 1 do Brasil até 2020 (**Visão**).

Mas, como será que os empreendedores ligados as EBTs percebem estes benefícios e suporte prestados pela incubadora para o seu sucesso como empreendedor? Para o fomento da inovação? Estão eles satisfeitos?

3.3.2 O grau de sucesso da incubadora na visão dos empreendedores

Para expor a visão dos empreendedores das EBTs ligadas ao MIDI incubadora, os benefícios e suporte foram avaliados a partir da aplicação de um questionário, conforme já mencionado na seção de métodos do Capítulo 1, dividido em quatro blocos.

O primeiro bloco, representa a visão e o grau de satisfação sobre a infraestrutura da incubadora.

Tabela 1 - Bloco 1 Infraestrutura da incubadora MIDI

INFRAESTRUTURA FÍSICA	EBTs					
	A	B	C	D	E	F
Tamanho do espaço privativo da empresa	2	3	6	2	NA	5
Condições do espaço privativo da empresa	3	3	4	4	NA	6
Tamanho do espaço privativo da incubadora	6	4	4	4	NA	6
Condições do espaço privativo da incubadora	6	4	6	5	NA	6
Tamanho do espaço da sala de reunião	6	4	6	6	NA	6
Condições do espaço da sala de reunião	6	4	6	6	NA	6
Tamanho do espaço do auditório	NA	5	4	5	NA	NA
Condições do espaço do auditório	NA	5	4	5	NA	NA
Tamanho do espaço do laboratório	NA	NA	NA	NA	NA	NA
Condições do espaço do laboratório	NA	NA	NA	NA	NA	NA
Tamanho do espaço do bar/restaurante/lanchonete/copa	5	NA	3	NA	5	3
Condições do espaço do bar/restaurante/lanchonete/copa	5	NA	3	NA	5	4
Tamanho do espaço dos banheiros	5	1	3	1	1	1
Condições do espaço dos banheiros	5	5	3	1	1	3
Tamanho do espaço de recepção	5	6	6	6	6	6
Condições do espaço de recepção	5	6	6	6	4	6
INFRAESTRUTURA DE COMUNICAÇÃO E INFORMÁTICA						
Central telefônica	5	4	NA	NA	NA	NA
Intranet	NA	NA	NA	NA	NA	NA
Internet	2	3	6	NA	NA	6
INFRAESTRUTURA COMPLEMENTA						
Assessoria Jurídica	5	1	6	6	4	6
Serviços extras (correios, banco.)	NA	NA	NA	NA	NA	NA
Contabilidade	5	NA	6	5	NA	6
Centro de impressão e cópias	NA	NA	4	NA	NA	NA
Centro de vendas de insumos de informática	NA	NA	NA	NA	NA	NA
Sinalização de salas e ambientes	4	6	4	NA	5	5
Disponibilização de projetor/flipchart/som	NA	NA	6	NA	NA	6
Limpeza	4	4	5	6	6	4
Segurança	4	3	6	6	NA	6
Estacionamento	1	NA	1	1	NA	1

Fonte: elaborado pelo autor a partir dos dados da pesquisa (2016).

**Legenda: NA – Não se Aplica; 1 – ruim; 2 – insatisfatório; 3 – regular; 4 – satisfatório; 5 – muito bom; 6 – excelente.

Observa-se que quando o assunto é a infraestrutura física, as EBTs avaliam no geral de satisfatório a excelente, sendo pontos que chamaram a atenção:

- o tamanho e as condições dos banheiros - avaliados pela maioria das EBTs entre insatisfatório e regular.

As empresas justificam que são apenas dois banheiros para o compartilhamento entre muitas pessoas; embora algumas empresas os considerem limpos, outras, sinalizaram a sua falta de manutenção. Além disso, outro inconveniente sinalizado é em relação ao seu

tamanho. Neste quesito, apenas a Empresa A avaliou o tamanho e as condições dos banheiros como muito boas, entretanto a empresa utiliza como parâmetro de comparação, os banheiros anteriores.

- O tamanho e as condições do espaço privativo da empresa – avaliados em geral entre insatisfatório e satisfatório.

As empresas justificam que o espaço é pequeno para comportar o crescimento das empresas e o valor do metro quadrado é relativamente elevado. Pode-se destacar ainda, a questão do barulho que incomoda especialmente a Empresa A, por ser localizada próximo a área de circulação das pessoas e, a Empresa C que diz ter a sensação de “estar em um aquário”, pois seu espaço é rodeado por vidros.

A recepção e a sala de reuniões foram os pontos melhores avaliados tanto em tamanho, quanto em condições.

Quanto à infraestrutura de comunicação e informática, parece não haver sistema de intranet, já que todas as EBTs sinalizaram como não aplicável. Já no que se refere a internet, excetuando-se as empresas D e E que preencheram como NA, as outras quatro empresas se dividiram na opinião, sendo que duas consideraram a internet ruim e insatisfatória, ressaltando a lentidão e a falta de liberdade de escolha do provedor, enquanto as outras duas consideraram excelente, demonstrando assim, discrepância neste ponto.

Na infraestrutura complementar, destaca-se como independente por empresas serviços de banco e correio, não sendo aplicável a incubadora. Boas atribuições foram dadas ao restante dos pontos avaliados, apresentando-se de regular a excelente, exceto no que tange o estacionamento. Neste sentido, todas as empresas com exceção da B e E que responderam NA, consideraram o estacionamento com preço muito elevado, havendo falta de organização e orientação, o que inviabiliza o seu uso.

Quanto aos serviços fornecidos pela incubadora MIDI, descreve-se na Tabela 2 o segundo bloco da avaliação.

Tabela 2 - Bloco 2 Serviços da incubadora MIDI

CONSULTORIAS	EBTs					
	A	B	C	D	E	F
Consultoria em gestão financeira	NA	NA	5	6	4	6
Consultoria em desenvolvimento tecnológico	NA	NA	5	NA	NA	NA
Consultoria em gestão do negócio estratégico	NA	3	5	NA	6	4
Consultoria jurídica		1	5	6	NA	
REDES E PARCERIAS						
Acesso à network	4	3	6	6	6	6
Facilitação a investidores	NA	NA	6	NA	NA	NA
Facilitação a busca de parceiros	3	NA	NA	NA	6	6
Realização de cursos internos	5	2	5	5	4	5
Parceria em cursos externos	NA	5	5	5	NA	5
Parceira com sindicatos	NA	NA	NA	NA	NA	NA
Parceria com conselhos	NA	NA	NA	NA	NA	NA
Parceria com instituições de ensino	NA	NA	5	NA	NA	NA
APOIO FINANCEIRO						
Facilitação a recursos financeiros internos	6	NA	6	NA	NA	4
Facilitação a recursos financeiros externos	NA	NA	6	NA	NA	NA
Facilitação/Intermediação a recursos de capital de risco	NA	NA	6	NA	NA	NA
APOIO AO DESENVOLVIMENTO DE CAPITAL INTELLECTUAL						
Apoio ao desenvolvimento de patentes	NA	NA	6	NA	NA	NA
Apoio ao desenvolvimento de marcas	NA	NA	NA	NA	NA	NA
Apoio à publicação de publicações científica	NA	NA	NA	NA	NA	NA

Fonte: elaborado pelo autor a partir dos dados da pesquisa (2016).

**Legenda: NA – Não se Aplica; 1 – ruim; 2 – insatisfatório; 3 – regular; 4 – satisfatório; 5 – muito bom; 6 – excelente.

Em relação às consultorias novamente há uma divisão, enquanto parte sinaliza NA ou que as consultorias foram realizadas de forma “superficial ou simples, não compreensão de sua demanda por completo e, não focadas no negócio”; o oposto, aponta como crucial, destacando experiência dos consultores, sua preparação e disposição.

No que tange às redes e parcerias, o quesito ressaltado é o acesso à *network*, amplamente facilitado pela incubadora e por isso, avaliado por sua maioria como excelente.

No que se refere aos cursos internos e externos propiciados aos empreendedores, embora bem avaliados, os mesmos ressaltam que consideram os cursos muito básicos, apontam a falta de didática e a não atenção às fases do processo de incubação, já que os cursos podem ser aplicados conforme a etapa de desenvolvimento em que a empresa se encontra.

Quanto às iniciativas para apoiar financeiramente as EBTs, em sua maioria as empresas responderam como NA, entretanto a aplicação ou o reconhecimento ocorreu por parte das Empresas A, C e E. Segundo elas, por fazerem parte do MIDI, conseguem linhas de crédito e acesso a programas voltados a inovação.

Já no que corresponde ao apoio da incubadora no processo de desenvolvimento de capital intelectual, apenas as Empresa C avaliou o quesito apoio ao desenvolvimento de patentes como excelente por parte da incubadora. As outras empresas responderam como NA todos os outros quesitos voltados a iniciativas para o capital intelectual.

No Bloco três das questões, abordaram-se as iniciativas da incubadora em *prol* do empreendedorismo e da inovação para as EBTs (*vide* Tabela 3).

Tabela 3 - Bloco 3 Iniciativas de empreendedorismo e inovação da incubadora MIDI

INOVAÇÃO	EBTs					
	A	B	C	D	E	F
Apoio para angariar recursos para projetos de inovadores	NA	NA	6	NA	NA	NA
Benchmark entre empresas incubadas	NA	NA	NA	NA	NA	4
Benchmark entre empresas pós-incubadas	NA	NA	NA	NA	NA	NA
Benchmark entre empresas externas	NA		NA	6	NA	NA
Ambiente favorável para troca de ideias entre empreendedores da incubadora	5	5	5	6	6	5
Incentivos a participação de congressos/feiras/eventos	NA	6	6	6	NA	6
INTERNACIONALIZAÇÃO						
Incentivo para exportação	4	NA	6	NA	NA	NA
Incentivo ao desenvolvimento de fornecedores estrangeiros	NA	NA	NA	NA	NA	NA

Fonte: elaborado pelo autor a partir dos dados da pesquisa (2016).

**Legenda: NA – Não se Aplica; 1 – ruim; 2 – insatisfatório; 3 – regular; 4 – satisfatório; 5 – muito bom; 6 – excelente.

Parece consenso que a incubadora é um ambiente favorável para troca de ideias entre seus empreendedores, onde maioria das EBTs reconhecem também os incentivos para a participação de congressos, feiras e eventos. Entretanto, poucas empresas avaliaram o apoio para angariar recursos inovadores e para a ocorrência do *benchmark*. O que ocorrera também em relação aos incentivos por parte da incubadora para a internacionalização das empresas. Estas “poucas” avaliações demonstraram graus satisfatórias e excelentes.

No quarto e último bloco da pesquisa, os empreendedores demonstraram seu grau de satisfação no geral sobre a incubadora MIDI.

Tabela 4 - Bloco 4 Grau de satisfação sobre a MIDI

INOVAÇÃO	EBTs					
	A	B	C	D	E	F
Indicaria o MIDI Tecnológico para outras empresas	4	1	4	4	4	3
Incubaria uma nova empresa no MIDI Tecnológico	4	1	4	4	3	4
Investiria em uma empresa incubada pelo MIDI Tecnológico	2	1	3	2	1	2

Fonte: elaborado pelo autor a partir dos dados da pesquisa (2016).

**Legenda: NA – Não se Aplica; 1 – não; 2 – talvez; 3 – sim; 4 – com certeza.

Quanto à indicação do MIDI para outras empresas, das seis ETBs aderentes ao estudo, cinco responderam que a indicariam, das quais, quatro indicariam “com certeza”.

A Empresa A complementa este ponto dizendo que: “tivemos muito apoio do MIDI nesse início, os cursos, reuniões com os consultores, definição de metas e conversa com as outras empresas, troca de experiência tem se demonstrado muito importante para nossa empresa”. A Empresa D reforça ao citar “que estar na incubadora é muito benéfico, já que a mensalidade, qualidade dos consultores e o relacionamento fortalecem a empresa”. Entretanto, as Empresas E e F alertam que apesar de benéfico o apoio do MIDI, é preciso considerar o estágio em que a empresa se encontra, pois, para empresas mais estruturadas não se considera muito vantajosa a incubação.

Ressalta-se que apenas uma empresa não indicaria o MIDI. Sua justificativa toma por base a falta de preparação e qualificação das pessoas e o nível fraco de relacionamento desenvolvido a partir da incubadora. Segundo o empreendedor, “o que o MIDI provê, um empreendedor engajado consegue por conta própria”.

Fundamentando-se nas mesmas justificativas, os empreendedores responderam se incubariam novamente uma empresa no MIDI. A resposta como esperada, refletira a questão anterior, onde dos seis respondentes, cinco incubariam, destes, quatro com certeza. Apenas uma empresa respondeu que não incubaria uma nova empresa no MIDI.

Ao responderem se investiriam em uma empresa incubada pelo MIDI Tecnológico, três das seis EBTs entrevistadas responderam que talvez, uma que sim e duas que não investiriam.

3.4 CONFRONTO TEÓRICO-EMPÍRICO

Esta seção aborda o confronto a literatura proposta na fundamentação teórica com os principais resultados coletados na prática.

Desta forma, destaca-se que alguns requisitos para entrada na incubadora MIDI dependem da modalidade em que a empresa pretende-se vincular. Todavia, o processo de seleção geralmente envolve três etapas eliminatórias, compostas pela descrição do projeto, entrevista e banca final. E, nestas etapas o conhecimento sobre oportunidade, soluções, mercado, recursos, concorrência, inovação, vendas, receita e tempo são decisivos para entrada do empreendedor.

Quanto às modalidades atendidas pela MIDI, ou também conhecidas na literatura como fases do processo de incubação são: a pré-incubação, incubação residente ou virtual e a pós-incubação. Embora de forma genérica o MIDI corrobore com a literatura que sinaliza as fases de pré-incubação, incubação e pós-incubação (BITTENCOURT, 2008), se diferencia na medida que sua fase ou modalidade de incubação, apresenta a opção residente para empresas que buscam instalar-se na incubadora e virtual para o acompanhamento virtual das empresas. A incubadora ainda se destaca, por prover treinamentos para orientação nas seletivas das empresas para qualificar os proponentes.

O sucesso é compreendido na prática pelo Gestor MIDI por planejamento, revisão de indicadores e metas e, um desenvolvimento independente. Já através da literatura, pode-se compreender como sucesso de uma incubadora a sua capacidade de fornecer: infraestrutura adequada; fomentar parcerias e colaboração; fomentar atividades de pesquisa, desenvolvimento e inovação (PD&I); apoiar as EBTs na conquista de recursos financeiros, prestação de orientação e consultorias. Estas visões são consideradas complementares, pois mesmo que a incubadora apresente as capacidades resgatadas a partir da literatura, é preciso ter mecanismos de controle, por isso a importância dada ao Gestor à revisão constante de indicadores e metas.

O Gestor da MIDI sinaliza a importância das parcerias como diferenciais da incubadora, sobretudo da ACATE como gestora e do SEBRAE como mantenedor. Tais instituições são realmente destaques, especialmente o SEBRAE, uma renomada instituição nacional de apoio às micro e pequenas empresas, inclusive as de base tecnológica,

atendidas pelo SEBRAETEC. O MIDI é a única incubadora do país vinculada ao SEBRAE. Entretanto, as parcerias com estas instituições não foram destacadas pelos empreendedores.

Quanto aos benefícios e suporte fornecidos pelo MIDI, o Gestor destaca como diferencial, o espaço físico disponibilizado pela incubadora. Todavia, os empreendedores discordam neste ponto, informando nas questões voltadas à infraestrutura física → espaço e condições privativas das empresas como pequeno para comportar o seu crescimento. Além disso, o valor do metro quadrado é relativamente elevado e o barulho foi um fator negativo adicionado pelos empreendedores. Os banheiros também foram ressaltados como pequenos e sem condições de comportar o número de pessoas que ali circulam. Já a internet dividiu opiniões, pois alguns a consideraram lenta, outros criticaram a não possibilidade de escolha do provedor, enquanto algumas empresas a consideraram excelentes. No bloco de infraestrutura o único consenso pareceu ocorrer quanto ao estacionamento, que por falta de orientação e organização tem sua utilização considerada inviável.

Como pontos fortes e, já sinalizados na literatura como uma alternativa viável e confiável para o desenvolvimento de redes de negócio (BALDISSERA, 2001; AUDY *et al.* 2004, apud LUZARDI; OLIVEIRA; DUHÁ, 2006), a incubadora MIDI facilita o acesso à *network*. Em relação aos cursos oferecidos, apesar dos empreendedores sinalizarem a necessidade de atentar as fases ou modalidades das EBTs e melhorarem a didática, o seu fornecimento é ressaltado pelos empreendedores, assim como os tamanhos e condições da recepção e sala de reunião.

Já no que se refere aos serviços, bloco dois da pesquisa, a literatura (MCTI, 2000) e a *homepage* da incubadora (MIDI, 2016) apontam a importância das consultorias, apoio a captura de recursos e ao desenvolvimento intelectual. Quanto às consultorias, houve também divisão na opinião dos empreendedores que por um lado consideraram cruciais e, por outro superficiais e simples. Opinião dividida também apresentou o apoio financeiro, que não fora respondido por três das seis empresas, mas as respondentes sinalizaram conseguir linhas de crédito para inovação pela influência do MIDI. Já no apoio ao capital intelectual, apenas uma empresa avaliou este ponto, a considerando excelente o apoio da incubadora.

Quanto ao apoio da incubadora ao empreendedorismo e a inovação, sinalizado na literatura por Baldissera (2001) e Martins (2013, 2014) como imprescindível ao desenvolvimento das MPEs, EBTs e o desenvolvimento local, os empreendedores parecem

mais uma vez entrar em consenso sobre o ambiente favorável para troca de ideias a qual, é a incubadora, reconhecendo também os incentivos do MIDI para a participação de congressos, feiras e eventos. Entretanto, poucas as empresas avaliaram o apoio para angariar recursos inovadores, o que contradiz os empreendedores que sinalizaram conseguir linhas de crédito para a inovação por influência da incubadora. Poucas empresas avaliaram também o apoio da incubadora ao *benchmark*. O que ocorrera também em relação aos incentivos por parte da incubadora para a internacionalização das empresas. Estas “poucas” avaliações demonstraram graus satisfatórias e excelentes.

Por fim, em geral, o grau de satisfação dos empreendedores sobre os benefícios e suporte fornecidos pela incubadora em *prol* do sucesso das EBTs parece ser satisfatório, já que mesmo demonstrando pontos fortes e fracos da incubadora, a maioria dos empreendedores, cinco (de seis) responderam que indicariam o MIDI para outras empresas ou incubariam novas empresas, sendo que destes, quatro indicariam ou incubariam o/no MIDI, “com certeza”.

Apenas uma das empresas aderentes não indicaria ou incubaria no MIDI, pois segundo o empreendedor, “o que o MIDI provê, um empreendedor engajado consegue por conta própria”. Tal afirmação é facilmente contraposta pela literatura e pela opinião expressa pelos outros empreendedores, o que sugere que o MIDI está provendo fomento ao sucesso das EBTs, mas ainda pode desenvolver melhorias, sobretudo em alguns pontos fracos indicados pelos empreendedores neste trabalho.

Quando o assunto foi investimento por parte dos empreendedores em empresas incubadas pelo MIDI, ressaltou-se parcimônia por parte das EBTs, pois dos seis aderentes, apenas um empreendedor investiria sim em outra empresa incubada pelo MIDI Tecnológico, três responderam que talvez e, duas que não investiriam.

A partir do confronto realizado, passa-se as considerações finais deste trabalho.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Preocupadas com o sucesso das micro e pequenas empresas, especialmente das EBTs, as incubadoras de base tecnológica fornecem infraestrutura, orientações, incentivos e serviços necessários para ampliar a competitividade e as chances de sobrevivência destas empresas, reduzindo assim, os riscos existentes. Além de facilitadoras, as incubadoras são consideradas verdadeiras alavancas de consolidação da inovação, fenômeno crucial para o crescimento da atual economia. Neste sentido, dada à importância das IBTs e a escolha do *locus* da pesquisa, a presente monografia *analisou se a incubadora MIDI Tecnológico vem sendo bem-sucedida no atingimento do seu objetivo de garantir o sucesso das EBT's*. Para alcançar o objetivo geral do estudo foram estabelecidos alguns objetivos específicos.

O primeiro deles foi caracterizar a Incubadora MIDI Tecnológico e as EBTs entrevistadas. Neste objetivo, conseguiu-se observar que a MIDI tem por característica incubar empresas cujos produtos, processos e serviços são resultados de pesquisas científicas aplicadas, na qual a tecnologia e a inovação representam alto valor agregado. Além disso, o MIDI apresenta como particularidade o fornecimento da modalidade virtual de incubação, cujo aporte e benefícios são os mesmos oferecidos para as empresas incubadas fisicamente (empresas residentes), todavia realizado de maneira virtual, não ocupando assim, espaço físico da incubadora. O fornecimento de cursos de treinamento para qualificação de empresas proponentes durante o processo seletivo, a promoção à cultura empreendedora (prêmios angariados) e o favorecimento às redes de empresas, inclusive através de parceria com a ACATE e o seu mantenedor, o SEBRAE, podem ser ainda características desta incubadora. Quanto as EBTs entrevistadas, perceberam-se características como: número máximo de funcionários 20; número máximo de sócios, três; a presença em diferentes modalidades (ou estágios de incubação); a jovialidade das empresas, pois a empresa mais madura entrevistada possui três anos desde sua fundação; atendimento a diversos segmentos e público alvo (Educação, Entretenimento, etc) a partir de serviços e produtos ligados à *software*, internet e automação comercial; metas ambiciosas.

Se propôs no segundo objetivo específico, identificar os serviços e instalações oferecidas pela MIDI para o sucesso das empresas incubadas. A partir da *homepage* da incubadora e da entrevista com o Gestor do MIDI, destaca-se de maneira sintética, o

fornecimento de: infraestrutura física e ambiente virtual adequados; fomento à parcerias, associativismo e *network*; apoio/divulgação para participação em cursos, feiras, programas e congressos para desenvolvimento e aperfeiçoamento; fomento à atividades de pesquisa, desenvolvimento e inovação (PD&I); apoio na conquista de recursos financeiros; prestação de orientação e consultorias (jurídica, contábil, plano de negócios, administrativo-financeira, gestão de pessoas, *marketing*, estratégia, etc...); programa de apadrinhamento, dentre outras oportunidades.

No terceiro e último objetivo, verificou-se o grau de sucesso da MIDI no atingimento dos objetivos que a incubadora se propõe a partir da visão dos empreendedores. De maneira geral, as EBTs indicaram como pontos fracos primeiramente a infraestrutura da incubadora, destacando: a insuficiência do espaço privativo oferecido às empresas se comparado ao crescimento destas; a falta de manutenção dos banheiros e seu tamanho insuficiente em relação a demanda; a não viabilidade do uso do estacionamento. Com opiniões divididas a infraestrutura de comunicação trouxe questões relacionadas por um lado a lentidão da internet e falta de liberdade de escolha ao provedor e por outro, a excelência na prestação deste serviço. Quanto aos serviços fornecidos pela incubadora MIDI, os empreendedores destacaram por um lado a superficialidade, a simplicidade, a falta de didática e consideração das modalidades ou fases de incubação no provimento das consultorias; já por outro lado, o serviço fora considerado crucial.

Como pontos fortes os empreendedores destacaram em relação a infraestrutura física da recepção e sala de reuniões; quanto aos serviços, o acesso à *network*, parcerias; incentivo à participação de congressos, feiras e eventos. E, na promoção do empreendedorismo e da inovação, o ambiente favorável para a troca de ideias que a incubadora proporciona.

Face ao exposto, acredita-se que os pontos fracos sinalizados pelos empreendedores podem ser considerados secundários, o que não significa ignorar sua necessidade de melhoria, mas em relação aos pontos fortes, as discrepâncias ocorridas nas respostas e ao objetivo maior da incubadora de fornecer benefícios e suporte necessário para o desenvolvimento e então, sucesso das EBTs, a MIDI em geral, atinge um grau satisfatório. Pois, além de admitir características particulares, benefícios e suportes cruciais promovidos pela incubadora aos empreendedores, estes admitem indicar (cinco de seis) o MIDI para

outras empresas ou ainda, incubar novas empresas, o que demonstra de certa maneira, confiança e satisfação com a mesma.

Como limitações deste trabalho, reconhece-se a dificuldade na aderência das EBTs; a dificuldade em os empreendedores responderem todas as questões, justificando suas respostas, o que não possibilitou maiores explorações nos resultados; a não possibilidade de generalização, pois como estudo qualitativo considera o contexto particular da incubadora MIDI e suas características; não contemplar um estudo sistemático próprio.

Desta forma, sugere-se como agenda para futuras pesquisas contemplar um estudo sistemático exploratório atual sobre a temática; comparar a realidade entre diferentes incubadoras e desenvolver um instrumento do grau de satisfação dos empreendedores em relação ao papel da incubadora.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, E. S. **A Gerência da Criatividade**. São Paulo: Makron Books, 1997.
- ALVES, A. R. **Empreendedorismo**. Santa Maria/ RS, 2011. Disponível em: <http://redeetec.mec.gov.br/images/stories/pdf/eixo_ctrl_proc_indust/tec_autom_ind/empreend/161012_empreend.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2016.
- ANPROTEC. Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores. **Agenda das cidades empreendedoras e inovadoras. 2004**. Disponível em: <http://www.anprotec.org.br/ArquivosDin/anprotec_agendadascidades_pdf_33.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2016.
- ANPROTEC. **Histórico do setor de incubação de empresas no Brasil e no mundo**. Disponível em: <<http://www.anprotec.org.br/publicacaoconhecas2.php?idpublicacao=80>>. Acesso em: 18 mai. 2016.
- _____. **Estudo, análise e proposições sobre as incubadoras de empresas no Brasil – relatório técnico**. Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. Brasília: ANPROTEC, 2012. 24 p.
- _____. **Associados**. 2016. Disponível em: <<http://anprotec.org.br/site/menu/a-anprotec/associados-anprotec/>> Acesso em: 07 jun. 2016.
- ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE FLORIANÓPOLIS. **Florianópolis, Dados Econômicos**. Disponível em: <<http://www.acif.org.br/dados-economicos>>. Acesso em: 11 nov. 2015.
- BALDISSERA, I. **Incubadora de Empresa: as experiências no alto e médio Vale do Rio do Peixe**. Videira: ed. UNOESC/Campus Videira, 2001.
- BAÊTA, A. M.C; BORGES, C.V.; TREMBLAY, D. **Empreendedorismo nas incubadoras: Reflexões sobre tendências atuais**. 2006. Comportamento Organizacional e Gestão, 2006, vol 12, nº1, 7-18.
- BARBIERI, J. C. (Org.) **Organizações Inovadoras: estudos e casos brasileiros**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- BARDIN, L. **L'analyse de contenu**. Paris: Presses Universitaires de France, 1977, p.160.
- BISPO, C. S et al. **Empreendedorismo e inovação**. Disponível em: <http://www.ibes.edu.br/aluno/arquivos/artigo_empreendorismo_inovacao.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2016.

BITTENCOURT, E. S. **Uma análise das incubadoras de base tecnológica no estímulo ao desenvolvimento local na região metropolitana de Salvador-Bahia**. 2008. 197 f. Dissertação (Mestrado). Curso de Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

CARVALHO, M.M. et al. Empresa de base tecnológica brasileira: características distintivas. In: **SIMPÓSIO DE GESTÃO DA INOVAÇÃO TECNOLÓGICA**, 20., 1998, São Paulo. Anais... São Paulo, PGT-USP, 1998.

CARVALHO, L. A. D., JÚNIOR, L. C. de C. **Análise das Principais Incubadoras de Empresas de Base Tecnológica de Santa Catarina**, 2003.

CELTA. **O CELTA**. Disponível em: <<http://www.celta.org.br/o-celta.html>>. Acesso em: 08 jun. 2016.

CHIAVENATO, I. **Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor: empreendedorismo e viabilidade de novas**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

CONVERGECOM. **Empresas incubadas do MIDI Tecnológico têm crescimento de 73% em 2015**. Disponível em: <<http://convergecom.com.br/tiinside/webinside/estrategia/24/05/2016/empresas-incubadas-do-midi-tecnologico-tem-crescimento-de-73-em-2015/>> Acesso em: 09 jun. 2016.

CRESWELL, J. Projeto de pesquisa: métodos quali, quanti e misto. **POA: Bookman**, 2007.

CRESWELL, J. W. Projeto de pesquisa métodos qualitativo, quantitativo e misto. In: **Projeto de pesquisa métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Artmed, 2010.

DOLABELA, F. **Oficina do empreendedor: a metodologia de ensino que ajuda a transformar conhecimento em riqueza**. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999.

DORNELAS, J. C. A. **Planejando incubadoras de empresas: como desenvolver um plano de negócios para incubadoras**. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

DRUCKER, P.F. **Inovação e Espírito Empreendedor: Práticas e princípios**. Tradução de Carlos Malferrari. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

FECOMÉRCIO. Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo. **Pequenas empresas precisam de cuidados especiais**. 2011. Disponível em: <http://www.fecomercio.com.br/?option=com_eventos&view=interna&Itemid=20&id=3697>. Acesso em: 20 nov. 2011.

FERRO, J. R.; TORKOMIAN, A. L. V. **A criação de pequenas empresas de alta tecnologia**. Revista Adm. Empr. Rio de Janeiro: abr./jun. 1988. p. 43 - 50.

FERNANDES, A. C.; CORTÊS, M. R.; PINHO, M. **Caracterização das pequenas e médias empresas de base tecnológica em São Paulo: uma análise preliminar.** Economia e Sociedade, Campinas, v.13, n. , p. 151-173, jan/jun. 2004.

FREEMAN, C. **Introduction.** In: DOSI, G. et al (eds.), Technical change and economic theory, Londres: Pinter Publishers, 1988.

FIATES, G. G. S.; FIATES, J. E. A. A inovação como estratégia em ambientes turbulentos. In: ANGELONI, M.T.; MUSSI, C. **Estratégias: formulação, implementação e avaliação: o desafio das organizações contemporâneas.** São Paulo: Saraiva, 2008. p.169-193.

FIESC. **Condomínios empresariais e parques e incubadoras tecnológicas.** 2016. Disponível em: <<http://www4.fiescnet.com.br/conhecendo-sc/condominios-empresariais-parques-e-incubadoras-tecnologicas>> Acesso em: 06 jun. 2016.

FONSECA, M. L. M. Análise das incubadoras de empresas de base tecnológica como promotora do desenvolvimento regional brasileiro: uma abordagem teórica. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PARQUES TECNOLÓGICOS E INCUBADORAS DE EMPRESAS, 24., 2014, Belém/Pará. **Anais...** Belém/Pará: ANPROTEC, 2014. Disponível em: <<http://www.anprotec.org.br/Relata/ArtigosCurtos/ID%2026.pdf>>. Acesso em: 04 jul. 2016.

FREITAS, A. D., SALLES, M. T. Análise da contribuição da incubadora para a atuação e sobrevivência de micro e pequenas empresas no mercado: o caso da incubadora de base tecnológica da Ufjf. In: SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA, 8., 2011, Resende/Rio de Janeiro. **Anais...** Resende/Rio de Janeiro, 2011.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1999.

GRIMALDI, R.; GRANDI, A. **Business incubators and new venture creation: an assessment of incubating models.** Technovation, v. 25, n. 2, p. 111-121, 2005.

GONZALEZ, R. K.; GIRARDI, S.; SEGATTO, A. P. Processo de criação de empresas de base tecnológica – o caso de uma indústria de automação paranaense. In: SIMPÓSIO DE ADMINISTRAÇÃO DA PRODUÇÃO, LOGÍSTICA E OPERAÇÕES INTERNACIONAIS, 12., 2009, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.simpoi.fgv.br/arquivo/2009/artigos/E2009_T00327_PCN62520.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2016.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Empresas de Base Tecnológica: : Identificação, Sobrevivência e Morte. **Textos Para Discussão**, Brasília, v. 1138, n. 1138, p.8-11, nov. 2005. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=4728>. Acesso em: 14 mai. 2016.

KANITZ, A. F. **Parques tecnológicos e incubadoras constituídos no Estado de Santa Catarina: um estudo geográfico.** 2013. 182 p. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Florianópolis, 2013.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia Científica.** 5.ed. São Paulo: Atlas, 2008

LEITE, A. G. C. **As iniciativas empreendedoras departamentais da UNIJUÍ e sua contribuição para o desenvolvimento econômico e social regional: uma análise situacional da instituição a partir dos parâmetros de universidade empreendedora.** UNIJUÍ: 2012.

LUZZARDI, C. P.; OLIVEIRA, M.; DUHÁ, A. H. **Desenvolvimento de capacidades e competências: relação entre incubadora e empresas incubadas.** Disponível em: <http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/Simp%C3%B3sio/simposio_2006/IPP/2006_IPP66.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2016.

MARTINS, C. **O papel das incubadoras de empresas do polo tecnológico de Florianópolis no desenvolvimento do processo de empreendedorismo inovador.** 2013.269 f. 2013. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Administração)– Universidade do Sul de Santa Catarina, Florianópolis.

MARTINS, C. *et al.* Empreendedorismo inovador gerado pelas incubadoras de base tecnológica: Mapeamento da produção científica até 2013. **Revista de Negócios**, v. 19, n. 2, p. 86-108, 2014.

MATTAR, F. N. Pesquisa de Marketing. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MEDEIROS, J. A.; ATAS, L. Incubadoras de empresas: balanço da experiência brasileira. **Revista de Administração.** São Paulo: v.30, n.1, p.19-3, janeiro/março 1995.

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA. Secretaria de Política Tecnológica Empresarial. **Manual para implantação de incubadoras de empresas.** 2002. Disponível em: <http://www.incubaero.com.br/download/manual_incubadoras.pdf>. Acesso em: 19 mai. 2016.

MIDI TECNOLÓGICO (Florianópolis). **Quem somos.** 2016. Disponível em: <<http://miditecnologico.com.br/quem-somos>>. Acesso em: 13 abr. 2016.

MIZIARA, G. N.; CARVALHO, M. M. Fatores críticos de sucesso em incubadoras de empresas de software. **Revista Produção Online**, v. 8, n. 3, 2008.

MOREIRA, J. H. **Modelo de gestão para incubação de empresas orientado a capital de risco.** 2002. 136 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

MORIGI, J. de B.; SOUZA, A. D. de. A importância das incubadoras de empresas para o desenvolvimento do empreendedorismo e para a criação de novas empresas: O caso da fundação EDUCARE de Campo Mourão – PR. In: ENCONTRO DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLOGIA, 8., 2013, Campo Mourão/PR. **Anais...** Campo Mourão/PR, 2013.

NAKAGAWA, M. H. **Empresa inovadora de base tecnológica: um modelo de desenvolvimento para o contexto brasileiro.** Tese (Doutorado). Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. Departamento de Engenharia de Produção. São Paulo, 2008. p. 214.

OCDE. Organisation de Coopération Et de Développement Économiques. **Manual de Oslo.** 1997. Disponível em: < <http://www.uesc.br/nucleos/nit/manualoslo.pdf> >. Acesso em: 11 out. 2011.

OECD. **OECD SME and Entrepreneurship Outlook: 2005 Edition.** Istanbul, 2005.

OLIVEIRA, F. M. **Revista Online IPOG,** maio, 2012. Disponível em: <http://redeetec.mec.gov.br/images/stories/pdf/eixo_ctrl_proc_indust/tec_autom_ind/empreend/161012_empreend.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2016.

PRICEWATERHOUSECOOPERS (Org.). **Pequenas e Médias Empresas: A força do Mercado Brasileiro.** São Paulo: Pwc Professionals, 2013. Disponível em: <<https://www.pwc.com.br/pt/publicacoes/setores-atividade/assets/pcs/private-compay-services-pcs-13-pt.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

PMF. Prefeitura Municipal de Florianópolis. Prefeitura Municipal. **Pólo Tecnológico.** 2012. Disponível em: <<http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/smctdes/index.php?cms=polo+tecnologico>>. Acesso em: 11 abr. 2016.

RAUEN, A.T. **O sistema local de inovação da indústria de software de Joinville: os limites da diversificação de um meio inovador.** 2006. 128 f. Dissertação (Mestrado em Política Científica e Tecnológica) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, 2006.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SARKAR, S. **O empreendedor inovador: faça diferente e conquiste seu espaço no mercado.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

SAUNDERS, M; LEWIS, P.; THORNHILL A. **Research Methods for Business Students.** 3. ed. Prentice Hall: Pearson Education, 2009.

SCHUMPETER, J. A. **Business Cycles: A Theoretical, Historical and Statistical Analysis of the Capitalist Process.** New York Toronto London : McGraw-Hill Book Company, 1939, 461 pp. Abridged, with an introduction, by Rendigs Fels. Édition électronique réalisée avec le traitement de textes Microsoft Word 2004 pour Macintosh. Disponível em <http://classiques.uqac.ca/classiques/Schumpeter_joseph/business_cycles/schumpeter_business_cycles.pdf>. Acesso em: 02 de abril de 2016.

_____. A. **Teoria do desenvolvimento econômico (Os Economistas):** uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. Introdução de Rubens Vaz da Costa. Tradução de Maria Sílvia Possas. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

_____. A. Essays on Entrepreneurs. **Innovations, Business Cycles and the evolution of the capitalism.** Transaction publishers. 1989.

SEBRAE. **MPEs de base tecnológica:** conceituação, formas de financiamento e análise de casos brasileiros. Relatório de pesquisa. 2001. Disponível em: <http://www.sebraesp.com.br/arquivos_site/biblioteca/EstudosPesquisas/estudos_setoriais/base_tecnologica_financiamento.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2016.

SEBRAE (Brasília). **Participação das Micro e Pequenas Empresas na Economia Brasileira:** Relatório Executivo. 2015. Disponível em: <<http://observatorio.sebraego.com.br/midias/downloads/01042015153936.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2016.

SOUZA, T. F. de. **A importância da incubadora de empresas no desenvolvimento do empreendedorismo.** [s./d.]. Disponível em: <<http://ceres.facer.edu.br/revista/index.php/refacer/article/view/71>>. Acesso em: 19 mai. 2016.

STAKE, R. E. **Standards-based and responsive evaluation.** Sage, 2004.

STARTUPI. **MPEs representam 27% do PIB brasileiro.** 2014. Disponível em: <<http://startupi.com.br/2014/07/61589/>>. Acesso em: 02 jun. 2016.

TOLEDO, J. C. *et al.* Fatores críticos de sucesso no gerenciamento de projetos de desenvolvimento de produto em empresas de base tecnológica de pequeno e médio porte. **Gestão & Produção**, v. 15, n. 1, p. 117-134, 2008.

VEDOVELLO, C., FIGUEREDO, P. N. Incubadora de Inovação: Que espécie é essa? RMIRede Mineira de Inovação. Catálogo 2007/2009 – SECTES/MG e SEBRAE/MG. **RAEeletrônica**, v. 4, n. 1, Art. 10, jan./jul. 2005.

WORLD BANK. **Small vs. Young Firms across the World: Contribution to Employment, Job Creation, and Growth.** 2011. Disponível em: <<http://elibrary.worldbank.org/doi/abs/10.1596/1813-9450-5631>>. Acesso em: 09 mai. 2016.

APÊNDICE (S)

**APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM GESTOR DO MIDI
TECNOLÓGICO: O SUCESSO DA INCUBADORA**

Entrevista n. Data: / /

Horário: Duração: _____

Dados do entrevistado

01. Nome:
02. Função:
03. Tempo função:
04. Período atuação no polo tecnológico:

Dados da Organização

05. Nome:
06. Número de empresas incubadas:
07. Número de empresas graduadas:

QUESTÕES DA ENTREVISTA

08. Qual o principal objetivo do MIDI?
09. O que é considerado sucesso de uma empresa incubada para o MIDI Tecnológico?
10. O que é considerado sucesso de uma empresa pós-incubada para o MIDI Tecnológico?
11. Qual é o principal desafio que o MIDI encara para atingir seus objetivos?
12. Como é feito o processo de seleção? Quais são as fases da incubação?
13. Há um controle/estudo sobre o sucesso das empresas maturadas?
14. Você acredita que o MIDI tenha um diferencial em relação às demais incubadoras de empresas de base tecnológica do país?
15. Quantas pessoas o MIDI emprega?
16. Quais são as metas do MIDI?
17. Quantas empresas já passaram pelo MIDI?
18. Quantas empresas incubadas atualmente?

- 19.** O que você considera ser o principal recurso de suporte para a empresa incubada que o MIDI oferece?
- 20.** Qual foi o caso, de uma empresa incubada no MIDI, que na sua visão, apresentou mais sucesso?
- 21.** Existem algum contato ou acompanhamento das empresas maturadas?
- 22.** Gostaria de adicionar mais alguma informação à pesquisa?

**APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO O CONCEITO DE SUCESSO DE UMA
INCUBADORA: EBTS**

**PESQUISA: UMA ANÁLISE DA INCUBADORA DE BASE TECNOLÓGICA
MIDITECNOLÓGICO DE FLORIANÓPOLIS/SC**

Prezado (a) Senhor (a),

Estamos desenvolvendo uma pesquisa como o objetivo de analisar o sucesso da MIDI TECNOLÓGICO como incubadora.

Para esclarecimento, cabe ressaltar que se compreende como conceito de sucesso de uma incubadora, o fornecimento de infraestrutura adequada; o fomento a parcerias e colaboração com Universidades, Centros e Institutos de Pesquisa de Excelência; o perfil das empresas incubadas e seu envolvimento com atividades de pesquisa e desenvolvimento (P&D); o Fomento ao Empreendedorismo; o aporte de recursos financeiros, seja através de financiamentos ou capital de risco.

Este questionário visa coletar subsídios de profissionais de renomada experiência e vivência em incubadoras, bem como empreendedores de empresas incubadas e graduadas. Para tanto, foi escolhida a aplicação de entrevistas com estes, e questionários com empreendedores a fim de permitir a discussão do conceito de sucesso da incubadora construído a partir de referências da literatura.

Para os resultados obtidos a partir dos questionários, serão consideradas a síntese das respostas de um grupo e não respostas individuais, resguardando dessa forma o anonimato. Não serão publicados os nomes dos participantes e empresas, pois a finalidade é garantir a confidencialidade e idoneidade das respostas.

Conhecedor de sua experiência e vivência como líder de uma empresa incubada, apresento-lhe o formulário anexo, solicitando seu preenchimento. Esteja certo de que sua colaboração será de grande valia para esse estudo que analisará o papel da incubadora no sucesso das empresas.

Antecipadamente agradeço à sua preciosa colaboração, colocando-me à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Atenciosamente,

Pesquisador: Gustavo Gonçalves Bacellar – Graduando em Ciências Econômicas pela
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos de Carvalho Júnior

Bloco 1 - Caracterização do Perfil do Empreendedor:

01.Nome:

02.Formação:

03.Experiência (profissional):

Bloco 2 - Caracterização do Perfil da Empresa

04.Nome da Empresa(não será divulgado no trabalho, somente para organização):

05.Número de sócios:

06.Número de funcionários:

07.Segmento de atuação:

08.Período previsto de incubação:

09.Data de fundação da empresa:

10. Taxa de crescimento da empresa:

11. Faturamento anual e meta:

Bloco 3 - Avaliação da MIDI Tecnológico pelas empresas incubadas e pós incubadas:

1	2	3	4	5	6
RUIM	INSATISFATÓRIO	REGULAR	SATISFATÓRIO	MUITO BOM	EXCELENTE

Para cada pergunta indique o número correspondente a sua opinião:

I – INFRAESTRUTURA

I.A – INFRAESTRUTURA FÍSICA

Tamanho do espaço privativo da empresa: () - _____

Condições do espaço privativo da empresa: () - _____

Tamanho do espaço privativo da incubadora: () - _____

Condições do espaço privativo da incubadora: () - _____

Tamanho do espaço da sala de reunião: () - _____

Condições do espaço da sala de reunião: () - _____

Tamanho do espaço do auditório: () - _____

Condições do espaço do auditório: () - _____

Tamanho do espaço do laboratório: () - _____

Condições do espaço do laboratório: () - _____

Tamanho do espaço do bar/restaurante/lanchonete/copa: () - _____

Condições do espaço do bar/restaurante/lanchonete/copa: () - _____

Tamanho do espaço dos banheiros: () - _____

Condições do espaço dos banheiros: () - _____

Tamanho do espaço de recepção: () - _____

Condições do espaço de recepção: () - _____

I.B – INFRAESTRUTURA DE COMUNICACAO E INFORMATICA

Central telefônica: () - _____

Intranet: () - _____

Internet: () - _____

I.C – INFRAESTRUTURA COMPLEMENTAR

Acessória Jurídica: () - _____

Serviços extras (correios, banco..): () - _____

Contabilidade: () - _____

Centro de impressão e cópias: () - _____

Centro de vendas de insumos de informática: () - _____

Sinalização de salas e ambientes: () - _____

Disponibilização de projetor/flipchart/som: () - _____

Limpeza: () - _____

Segurança: () - _____

Estacionamento: () - _____

II. SERVIÇOS

II. A – CONSULTORIAS

Consultoria em gestão financeira: () - _____

Consultoria em desenvolvimento tecnológico: () - _____

Consultoria em gestão do negócio estratégico: () - _____

Consultoria jurídica () - _____

II.B REDES E PARCERIAS

Acesso à network: () - _____

Facilitação a investidores: () - _____

Facilitação a busca de parceiros: () - _____

Realização de cursos internos: () - _____

Parceria em cursos internos: () - _____

Parceira com sindicatos: () - _____

Parceria com conselhos: () - _____

Parceria com instituições de ensino: () - _____

Parceria com escritórios jurídicos : () - _____

Parceria com escritórios contábeis: () - _____

II.C APOIO FINANCEIRO

Facilitação a recursos financeiros internos: () - _____

Facilitação a recursos financeiros externos: () - _____

Facilitação/Intermediação a recursos de capital de risco () - _____

II. D APOIO AO DESENVOLVIMENTO DE CAPITAL INTELECTUAL

Apoio ao desenvolvimento de patentes () - _____

Apoio ao desenvolvimento de marcas () - _____

Apoio à publicação de publicações científica () - _____

III O EMPREENDEDORISMO PARA A INOVAÇÃO

III A. INOVAÇÃO

Apoio para angariar recursos para projetos de inovadores () - _____

Benchmark entre empresas incubadas () - _____

Benchmark entre empresas pos incubadas () - _____

Benchmark entre empresas externas () - _____

Ambiente favorável para troca de ideias entre empreendedores da incubadora () - _____

Incentivos a participação de congressos/feiras/eventos () - _____

Ambiente favorável para troca de ideias entre empreendedores da incubadora () - _____

III. INTERNACIONALIZAÇÃO

Incentivo para exportação () - _____

Incentivo ao desenvolvimento de fornecedores estrangeiros () - _____

1	2	3	4
NÃO	TALVEZ	SIM	COM CERTEZA

IV – SATISFAÇÃO

Indicaria o MIDI Tecnológico para outras empresas: () - _____

Incubaria uma nova empresa no MIDI Tecnológico: () - _____

Investiria em uma empresa incubada pelo MIDI Tecnológico: () - _____